

Águas Mortas

C O N T O S

EDUARDO CAMPOS

Águas Mortas

C O N T O S

Fortaleza
1943

Aos meus pais
e para

Mário Sobreira de Andrade
Artur Eduardo Benevides
Antônio Girão Barroso

SUMÁRIO

ÁGUAS MORTAS	9
O DESTINO DO CABEÇA-CHATA	23
EU SOU O PAULINO DO SERIDÓ	33
A LINHA MESTRA DA FAMÍLIA	45
OS HOMENS DO MAR E O AMOR	55
RUA FORMOSA, MORRO DO MOINHO, SEM NÚMERO	65
A DIVISÃO DAS NOITES	77
UMA VIDA ENTRE DOIS DIÁRIOS	83
O URUBU DE PEDRO MALAZARTE	95
A LENDA DE ALMOFALA	107
ÚLTIMO FILHO DE UM ANJO	115

ÁGUAS MORTAS

1

A Barata atravessou o silêncio que se erguia no meio da sala, batendo asas, chiando um psiu insistente. O choro convulso de sinhá Presta rompeu a monotonia do ambiente, quis galgar o ar, enfraqueceu, desapareceu dentro do peito sexagenário, exausto de marcar o compasso da vida, atrapalhada vida que levava furando a terra em todos os sentidos, fazendo guerra aos inimigos do finado Alvino, lá pras bandas da Caponga da Bernarda, enfiando o Pajeú das Flores nos couros de qualquer sujeito, insultando os capangas dos Contendas. Sinhá Preta era assim. Pau para toda obra. Ela mesmo resolvia o serviço e ficava contando para o coronel Alvino como tinha feito a escrita. Mas, o que passou, passou. Sinhá Preta não tem mais forças para nada. Leva os dias puxando fumaça do cachimbo, adivinhando, contando bravatas.

De cócoras, a um canto, Mariano mastiga, mastiga sem cessar.

De vez em vez, cospe. E a saliva cai com um plof! peculiar no barro socado.

“Que coisa porca... nem fazendo guarda a um defunto o miserável larga o vício! Credo!”

D. Sancha tem os seios fartos, moles, pinicando a frente.

Tem a sensibilidade também furando a frente. Sente vontade de tirar o chinelo de cordas do pé e baixar a ripa naquele cabra sem-vergonha que não sabe guardar

o devido respeito aos mortos, criaturas sagradas, já de Deus, Todo Poderoso. Se pudesse, gritava bem alto sua reprovação: “Pronto, “seu” nego nojento! Gente porca não bota sentido a defunto. Passe pra fora, Mariano, passe logo se não quer entrar na lei da chibata! O seu lugar é no inferno”.

E fica olhando o cuspo imundo perdido no barro traçado.

D. Vitrúvia levou o lenço aos olhos e se aproximou da rede como se se acercasse de um precipício. E desatou num choro alto que despertou as lágrimas de outros olhos. Sinhá Preta se tremeu toda, revirou os olhos pretinhos e se ficou caída num bamborete.

– Coitada... Outro passamento.

D. Sancha se levantou e foi umedecer a testa da preta velha.

– Morreu o menino. Era do peito dela. Acaba se indo também.

– Vira tua boca pro mar, azar!

– Credo! fez D. Vitrúvia se benzendo, ao mesmo tempo que divisava a velha já morta, papo crescido, esperando que a hora do enterro chegasse.

Sinhá Preta tornou. Passou a mão pelos olhos como se quisesse afugentar a morte para longe, avivar o corpo do menino, sentir seus gritos no meio da rua:

– “Lá se vem o palhaço do circo! Corre, gente...!”

Mariano se aproxima da roda e fala baixo para Maricota.

D. Sancha se afasta de perto do vizinho.

Os seus parecem crescer, furar, espetar os olhos de Mariano que mastiga, mastiga.

– Nojento! Porco!

Pendendo entre os armadores de ferro batido, a rede encardida. Dentro dela, inanimada para sempre, a silhueta de Pedrinho, olhos dormindo, queixo caído, mudo.

A filha do delegado está pensando. Vai chamar um fotógrafo para bater a chapa daquilo. Daquilo? negro será anjo também? Anjo tem asas, olhos azuis, lábios bonitos, pele branca, não tem sexo nem outras cousas não. Pedrinho será anjo? Anjo preto é cão do inferno. Não pode ser.

pela janela aberta, a lua ensaia um olho de luz.

Lá do outro lado, vem o assobio das noites de janeiro. O lamento frio das cigarras, a discussão dos sapos no açude de Piripau, um vento desmiolado que arrepia o pelo dos andantes.

2

Tudo pode acontecer neste mundo. Maricota não quer mais o fotógrafo. O jeito que tem é pedir ao seminarista a *Kodak* emprestada e fazer um milagre no instante. Pedrinho sairá alvinho, bem branquinho como os outros anjos do coro da igreja, com asas e tudo. Vai ser um sucesso!

3

- Que horas é, Clementino?

- Meia-noite, meia-noite... Ora bolas! Falemos da política! não me perguntem as horas. Levanta-se, aproxime-se do armário. Pelo vidro embaciado distingue-se um frasco verde. Abraçando o vidro, o rótulo da melhor cachaça, que pega só no cheiro, vinda de Redenção.

Há o glute-glute no copo, uma pancada seca no chão. Um cheiro de cana fica suspenso até outra ordem.



4

Mariano continua mastigando os acontecimentos. D. Sancha indigesta os seios. O ar se sente profundamente ofendido. Todo mundo parece cuspir.

- Foi isso mesmo. Num instante eu tava lá. Sinhá Preta, gente, tava lá. Todo pessoal tava lá. (Coça o pé bichento, funga, remexe a tora de fumo dentro da boca... D. Sancha passa um nome feio para depois.) Então, “seu” vigário contou tudo. “Seu” vigário tava lá também. Pausa. Fungando. Impaciência geral.

Se o seminarista estivesse ali repetiria as palavras de Cícero ou cousa parecida. “Até quando, Mariano, o abusará de nossa paciência?”

O diabo é que D. Sancha não sabe latim, nem leu Cícero, nem cousa alguma. Prefere esperar uma oportunidade melhor e fechar a boca do vizinho com uma chinelada de papoco. Tei! Vai se vingar, não suporta aquela história comprida, o fungado, os bichos de pé, a tora de fumo na boca.

- Não, não, não!

Todos se viram. Mariano revira os olhos de cachorro que morde de furto.

- É... um anjo preto será um insulto aos anjos brancos! É melhor pintar Pedrinho. Trazer um pintor célebre para Pacatuba. isto sim, tem graça.

- Bem, continuando... O corpo dele tava lá, arroxado, e...

- Coitadinho!

- Tão bonzinho que ele era...

- Um anjo, D. Sancha, um anjo...

O choro se espalha. Mariano mastiga, mastiga, cospe. Alguém começa a rezar. Voz de quem tem sono. Zumzum. D. Sancha tira a chinelada do pé. O pescoço de Mariano está sob o cutelo.

- Então...

A barata aparece. O seios crescem. A sala diminui. A alma de Pedrinho fica sem fôlego. E a chinela passa a dois dedos do rosto de Mariano.

5

Fora, o silêncio abalroado com a escuridão. A cidade naufragando nas trevas, os sapos se deitando, adormecendo...

6

A filha do delegado quer trazer o Brasil todinho para o enterro de Pedrinho. Um poeta qualquer dirá versos, entre lágrimas e queixumes. É questão resolvida.

Mariano mastiga a tora de fumo.

D. Sancha mastiga impropérios. Os outros respiram tristezas.

- Então...

Silêncio.

Todos dormem. Só o defunto vive.

7

- As águas não falam, são mortas...

Velho sobradinho do largo da matriz, plantado ao pé de uma ingazeira musculosa, carregadinho de sombra. Arnaldo está em seu quarto, mãos nos joelhos, em completo abandono. A rede de algodãozinho presa às correntes rangedeiras, geme gemendo a morte de Pedrinho. Aquele vai-e-vem não consegue adormecer Arnaldo, nem a imagem do moleque, nem a correnteza do rio.

Bem que d. Sancha dizia... “menino, o diabo empurra as águas!”

- As águas são mortas...

Ah! só queria que o rio falasse, dissesse tudo, tudinho como aconteceu, assim mesmo com o mastigado de “seu” Mariano.

Olhos de palhaço, olhos de cão sem dono; olhos de qualquer coisa sem nome pregados na parede, espiando, maltratando recordações.

8

Arnaldo não enxerga. Está cego. Olhos trancados, atravancados.

Pensa. E vai recordando, e vai andando, caminhando, se arrastando para trás. A voz de Mariano anda solta, desenfreada, como os cachorros vagamundos das noites sem estrelas. “Foi assim...”

Seis horas. Madrugada escura, friinha como água no pote. Um pingo, depois outro, chiando molhado, e ele sentiu que as chuvas estavam chegando à terra.

Sentou-se na tipóia, fez o pelo-sinal-da-cruz e se meteu numa roupa de riscadinho amarelo e azul, com as calças remendadas pelas mãos ossudas de tia Chica, batendo queixos, se tremendo como capim seco em parede de açude.

- ô ô ô - friiii - ooo danado...

À mesa, como sempre, estavam sentados os mesmos rostos de todos os dias. A conversa se estraçalhava como o pão quentinho da padaria de “seu” Figueiredo, nas mãos de Clementino.

- Óia o lei-i-i-i-ite!

D. Belarmina se levantou, girou sobre os tacões dos tamancos e foi à porta. Clementino virou-se também com

seu rosto de judeu, de cachorro bexiguento que faz porcaria no meio das ruas. A palhinha da cadeira gemeu nuns estalinhos de cousa se partindo e o vento jogou pela janela escancarada uma golfada de pingos grossos que molharam a toalhinha da mesa da mesa. Pedrinho encolheu-se todo. O frio abafou uma desculpa sem cor quando a voz clementiniana se fez ouvir:

- Este traste imundo só chega atrasado!

D. Belarmina recebeu a garrafa do leite, enquanto recomendava ao pretinho que, se fosse possível, procurasse chegar mais cedo, pois Clementino gostava de tomar café com leite antes de ir para a Prefeitura jogar gamão. Pedrinho encolheu-se todo e sorriu para D. Belarmina, dizendo que sim. E se foi com as outras garrafas metidas na bolsa de palha.

- É a tal cousa... Quando estes burgueses da cidade vêm para cá e falta de reconhecimento desaparece por completo! (Depois que leu um livro comunista, condenado pelo vigário, não diz mais gente rica, só fala em proletários, burgueses, capital, trabalho...) É o que eu digo. Precisamos de uma nova ordem. Seremos socialistas! Abaixo o capitalismo! Fora com a burguesia! E repete umas frases de um tal Lenine que ninguém sabe quem é.

Tia Chica tem vontade de dar um muxoxo.

- Que besteira, Clementino! que besteira...

- Burgueses! O operário não pode ser apenas um instrumento!

Ninguém se manifesta. Arnaldo fica pensando que Clementino é um grande revolucionário e que vai acabar seus dias com a corda no pescoço banhado. Quem sabe se Clementino não é um homem fraco do juízo? O quarto dele é pior que sala de barbearia. Retratos e mais retratos, gente de todo jeito, bigodes torcidos, babas por acolá, foice e martelo. Faz questão de conversar numa nova política, nas

próximas eleições. Passa manteiga no pão, bebe um trago do café e explode:

- O operariado salvará o Brasil!

Arnaldo se assusta. D. Belarmina deixa cair uma fatia de queijo fresco em cima da mesa. Tia Chica se vira com ímpetos de acabar com a cara de Clementino.

E ele sonda o ambiente, ninguém falou mas é preciso discutir.

- Quem foi que disse que o operariado não salvará o Brasil? foi você, tia Chica?

A velha encara-o friamente.

- Se eu fosse sua mulher, neste teto não se falava em operário nem em freguês, e você, quisesse ou não quisesse, já tinha ido para a Prefeitura se juntar com os outros lobos! Estou farta de ouvir suas tolices! E não me esqueço que você fez minha irmã tirar o santuário do quarto da frente e colocá-lo na cozinha. Eu cá tenho os meus princípios. Belarmina é uma santa, uma santa...

Se Arnaldo pudesse diria que tia Chica estava com a razão.

Clementino é um fazedor de raiva. Por tudo puxa uma briga, por um tico quer bater na gente. E ainda fala em ser bom, em tratar os infelizes com abnegação.

Arnaldo se transporta para o quarto de Clementino. Pensa em furar os olhos do homem de bigodes e rasgar aqueles recortes assinalados.

A chuva continua caindo, castigando o telhado, escorregando pela bica de carnaúba. Pedrinho ai longe. Arnaldo sente necessidade de sumir-se também. Desaparecer daquele ambiente, fugir das palavras vermelhas do Clementino.

Enfia o gorro na cabeça. Enfia as mãos nos bolsos das calças e se mete pela porta escancarada. Ganha a rua.

A água escorre pelos enferrujados jacarés, caindo ao chão num estalajar cantante. Embaixo a ingazeira, o mo-

leque molhadinho esperando o amigo, rindo, a fileira de dentes num riso de giz escolar.

- Desculpe nego veio... Acordei indagorinha...

- Teu pai tá brabo, num tá?

- Um bocado, Pedrinho. Ontem eu entrei na lei do Chico de Brito. Apanhei pra burro! Tudo que aparece de mal feito lá naquela estrovenga sou eu o culpado. E peia nele, chinelada no rabo dele!

- Enfim, ele num é teu pai. Padrasto pode ser pai do cão.

- É isso mesmo, nego veio.

- Também sua mãe...

Pedrinho tinha lá suas razões. D. Belarmina não precisava arranjar macho para viver. Finado Libório deixou algum dinheiro. Dois sítios na serra que davam banana, abacate e café com todos os seiscentos. Tio Bremeru veio para dentro de casa. Cuidava dos sítios, vendia as frutas em Fortaleza e ia ficando dinheiro bastante para o que desse e viesse. Mas, nem tudo que é bom dura muito. Quando se deu a vaga na regência da banda, chamaram um novo maestro para pegar na batuta. Clementino chegou com seu ar de comunista, barba fechada como moita de guaxinim, puxando pela perna seca.

D. Belarmina começou a grelar o tipo, a namorar-lhe a barba fechada, a ponto de repetir quando falava em qualquer assunto: "Que barbas, meu Deus, que barbas..."

Houve serenata, conversas em canto de cerca. A mulher defronte disse ao prefeito que tinha presenciado uns "escândalos!" Horrível, horrível... E a simpatia da barba foi acabar nos pés da santa da igreja.

Aí, começou a infelicidade de Arnaldo. O pretinho falava certo...

- Esquece isso, meu branco. Vambora tomar banho.

Ombro a ombro, seguiram para os lados do rio.

A chuva estava emagrecendo, afinando, desaparecendo.
- O rio tá danado...

Galgaram a ponte de madeira rangedeira. De um dos pilares curvos pelo tempo, ficaram olhando a doidice das águas, um remanso que o rio fazia bem perto da margem, num enroscado espumante, com um barulho de mato se quebrado que metia medo.

- Tá parando, meu branco.

O rio passava estupidamente sem dar atenção. Todos os anos, vinham banhar-se ali. E o rio tinha raiva, odiava aqueles corpos que afrontavam a sua impetuosamente, aniquilando-lhes o poder de afugentar os homens.

Arnaldo, em dois tempos, se despiu, passou para o parapeito encharcando, olhou para Pedrinho e disse que ia saltar.

Largou-se no espaço frio. Cortou o ar molhado e penetrou bem no meio de um redemoinho infernal. Depois, apareceu nas raízes de uma catadupa que lutava heroicamente pela fixidez na terra ensopada. As palavras de tia Chica se desembestaram pela copa das árvores. "Esses meninos de hoje são loucos, são loucos!"

Pedrinho misturou-se com as águas.

Quando iam voltar para casa, o moleque se virou para Arnaldo e como que se lembrando:

- Sabe, meu branco, a água é desgraçada, desenterada tudo. Essa noite eu tive um sonho.

Ficaram de cócoras.

- Conta, nego, conta.

E ele foi contando, dizendo aí e aí todo seu sonho. A alma de uma criatura bondosa tinha se sentado com ele na rede, entregando-lhe, de coração, uma botija de dinheiro que ficava perto da tapagem de "seu" Praxedes. Fez pausa e depois continuou.

- Eu vou desenterrar a botija, vou mergulhar. Se for verdade, você terá dinheiro para fugir de Clementino, ir pra Fortaleza, embarcar pro Rio, ganhar sua vida. Eu vou levar outra vida. você sendo feliz eu serei também feliz.

- Você acredita nisto, neguinho?

- Pela santa luz de meus olhos, branco.

Pedrinho se despiu novamente e se jogou nágua.

Arnaldo ficou olhando, imaginando, pensando numa viagem onde não aparecessem os camaradas bigodudos de Clementino, nem a foice e o martelo que, no dizer do padraço, eram a salvação do mundo. Nada disso! ele não pensará nas cousas proibidas, não insultará jamais as velhas que pedem esmolas pelo santo amor de Deus. Vai levar uma vida errante, digna de um menino forte e corajoso. Será, depois que sair de Pacatuba, Arnaldo, o marinheiro destemido...

De momento a momento, vinha a voz molhada de Pedrinho até os seus ouvidos que já ouviam multidões em cais desconhecidos bradando por ele, falando num só tom que Arnaldo, o marinheiro destemido, seria só deles.

- Até agora, nada!

O pretinho mergulha outra vez.

Arnaldo não conhece mais Clementino, é Arnaldo o marinheiro, e os marinheiros esquecem as criaturas mesquinhas da terra.

Em dado momento, Arnaldo deixou de ser o marinheiro destemido, ergueu os olhos procurando o amigo, olhando as raízes da catanduba onde sempre aparecia.

- Pedrinho! Pedrinho!

Os minutos foram se passando. O demônio trouxe o silêncio atado pelos pés e soltou-o na margem do rio. Arnaldo lançou-se nágua com todos os pensamentos malucos que lhe chegavam ao cérebro. Mas a cor-

renteza parecia vitoriosa com o rio pegando água nas cabeceiras, roncando, se enroscando como uma enorme serpente.

Sentou-se na areia molhada.

– Rio miserável!

Fez outra tentativa. Pedrinho não aparecia. A gargalhada que só ele sabia dar, também não. E o corpo de Arnaldo foi ficando balofo, sem forças para lutar, o silêncio liberto se alongando, se alongando, tecendo a morte em todos os seus matizes. Até as folhas eram nervosos lábios de mulheres balbuciando orações de última hora. (onde estás Pedrinho? onde?) E encheu os olhos de lágrimas frias, misturadas com gotas da chuva que principiava novamente o pingo-pingo infernal, chorando baixinho. O marinheiro destemido fugiu para outros mares. O enterro de seu melhor amigo ia li mesmo dentro das águas, com os demônios do mundo. Sinhá Preta surgiu em cima das águas e veio andando para a ribanceira como Jesus, mas não foi como Jesus que ela falou. “Você matou o menino, você matou minha felicidade!” Um cheiro forte de enxofre ficou no ar e Clementino apareceu envolvido numa bandeira encarnada, com os braços cortados, a barba ensangüentada. “Por sua causa eu estou sem mãos e não posso fazer o operariado vencer no Brasil! eu vou processar você, miserável! você é um criminoso tarado, tarado...”

Arnaldo passa a mão nos olhos. Clementino não desaparece. Continua firme, vermelho, agressivo, olhando pra ele.

– Não, Clementino, pelo amor de Deus, eu não sou criminoso!

E avança com ganas de esbofetear aquele rosto congesto, a água cresce aos seus pés, o rio o envolve e Arnaldo, não o Arnaldo marinheiro, rola pela terra ensopada. Clementino explodiu. O cheiro de enxofre se fez mais forte. O demônio se afastou.

Tudo parece calmo. As águas escondem apenas o corpo de Pedrinho. O enterro foi diferente, muito diferente.

Um dia, (como a lembrança da gente é viva...) quando o ando de camaradas se reuniu, falaram da morte. O pretinho dissera: magine, meu branco, eu dentro da rede e vancê com os outro, tudo atrás, bebendo cachaça pro mode subir o arto do cemitério... Magine, meu branco...

- Você sê um defuntão!

- Frouxo que só ele, pra morrer.

- Comigo não, violão!

Pedrinho riu como um inocente feliz. Ele riu também com os outros e foram comemorar a palestra num banho de duas horas, brincando galinha d'água, no André.

Agora, o rio se banqueteava com a morte do pretinho, retinto na pele, branco no coração, anjo nos pensamentos. Pedrinho sim é que merece ser um marinheiro destemido.

Em cima da areia então as calças remendadas.

São os despojos do naufrago, o marinheiro que morreu no mar quando tentava salvar seu navio.

9

Mariano chegou depois. Tio Bremaru veio correndo. Tia Chica gritou, gritou. Acharam o cadáver amaranhado nas raízes da catanduba.

Tia Chica desfaleceu. Um menino chispou pra casa do Piripau. Mas não era preciso. Sinhá Preta já vinha vindo como um fantasma vagamente misterioso, meio do nosso mundo, meio do outro.



1 0

Arnaldo abre os olhos. A rede está parada, imóvel. Lá fora a noite ainda é densa e profundamente incompreensível. Na parede divisa o rosto de Pedrinho com um gorro de marujo na cabeça, os olhos de Clementino, a barba preta, o capital, Lenine e o trabalho.

Arnaldo quer se desculpar, Pedrinho ri, se some, se some.

O vento vem trazendo os fragmentos das orações:
ventre, Jesus...

... amém!

O DESTINO DO CABEÇA-CHATA

1

O trem zunindo, correndo, apitando, deixa uma poeira amarela como grânulos de ouro velho amocambado. Tecendo uma teia de garranchos secos, vão se ficando para trás catandubas, canafístulas, marmeleiros e sabiás...

Tudo seco, estalando, se partindo. No solo ressequido, sobre os dormentes, os trilhos estirando a viagem, estirando o caminho de ferro, alargando os destinos das gentes.

Dentro dos carros, a miséria mumificada nos restos humanos. Mulheres descarnadas, de olheiras fundas, semblante defunto, se enterrando, desaparecendo. Os meninos chorando como pássaros perdidos. Os homens fumando, pitando, olhando, estupidamente, a paisagem agreste que passa, corre, desaparece na caatinga com medo da locomotiva resfolegante, com calafrios de terror do que vai amontoado nos carros que gemem como bois sacrificados.

Feitosa tem os olhos pregados no céu lustroso, espelhando luz. E avista tanta cousa, o “seu” vigário na botica comentando as astúcias do dr. Floro, a cara empoada de Conceição vendendo cocada ainda quentinha, pé-de-moleque, a missa das nove também com o sino lengo-dem-dengo alegrando a serra e o domingo de feira estrugindo foguetes, cachaça, banho no rio, corrida de cavalos, uma

palestrinha fiada com os amigos do peito, Totonho, Zezinho, Pedroca...

E sente qualquer coisa subindo para a garganta, tapando o fôlego, passando pros olhos sem cor. Saudade do Sitinho, uma casa caiada de novo, perdida no verde escuro da mata, rodeada de bananeiras, goiabeiras e quanta fruteira carregada... Ipu, a fazenda do gado, raça zebu, a duas léguas da cidade, com casa de farinha, porre de cachaça, sonão solto depois do almoço. Vote! E o Cristal? aquilo sim, era um riachinho do capirote, correndo bem nas biqueiras da casa, zuadento como todo nas grandes chuvas de janeiro. Cristal não tinha a bazófia dos grandes rios. Raramente crescia, vestia sua roupa farta... Não gostava de tocar na roça de Feitosa. E ali, entre a serra e a paz do Senhor, numa terra de seis gerações, o milho bonecava antes do tempo, o feijão se espalhava que era um prazer se olhar e a melancia, vote!, o maxixe vote! que fartura! Isto sim, que fartura...

A 401 dá puxavão. Os carros se remexem, choram os meninos, gritam as mulheres, gemem as correntes de aço, o engate de ferro num soluço estridente.

Feitosa escorrega para as tábuas sujas.

As recordações escorregam também.

Cai Sitinho, Ipu, Cristal...

2

“Alojamento dos Emigrantes”

Até a placa de letras retintas parece murmurar palavras enlutadas. Dentro do casarão de amarelo escuro, que já foi residência de um ricoço, os homens, as mulheres, os meninos estão amontoados como fardos de carne do Sul. Em volta, sob as fruteiras despidas de frutos e folhagem,

as maqueiras armadas num entrançado horrível, com vultos esqueléticos amamentando criancinhas. Gente graúda, de anel no dedo, roupa bem cuidada discute uma nova verba que o governo providenciará.

Em contraste com o casarão sombrio, o sol banha a rua numa devoção de luz. À porta, um carro oficial e os curumins saídos, com as cunhantãs se vendo no aparalama.

- De onde você é? de Juazeiro? não? É casado? solteiro... Está bem, não tem filhos, nem nada, muito bem...

Feitosa responde. Vai dizendo tudo numa voz cansada, fanhosa. Por dentro se indaga. "Meu Jesus, onde estou eu? Isto aqui é mesmo Fortaleza, aquela cidade das cousas boas? Pra onde me mandarão? De onde vem tanta gente amolando tudo com conversa de melado?" Enrola um cigarro de palha e pede fogo ao companheiro do lado. É um velho de longas barbas, olhos perdidos, assustando. Veio de Crato, à pé. É casado. Tem 13 filhos. Tinha. No entanto morreram cinco e os urubus famintos tiveram ossos pra roer por quase uma semana.

Chupou a fumaça. Remexeu-se dentro da tipóia. Uma saudade vem chegando. Sitinho, Ipu, Cristal...

- Quantos anos você tem, caboclo?

- Ein? quê?

- Qual a sua idade?

- Não sei...

- Quer ir trabalhar no Amazonas, ganhar dinheiro, muito ouro, ou quer mesmo ficar aqui comendo rapadura com farinha, agüentando abuso?

- Quero, inhor sim...

- Ora, muito bem... O navio sai amanhã. Esteja bem cedinho na Ponte Metálica.

O homem que lhe dirigira as palavras já está atrás de outro, falando no Amazonas, em cortar seringa, ganhar muito dinheiro, ficar rico, rico...

Feitosa vira-se para o companheiro.
– “Seu” Anacleto, fogo! O diabo do cigarro se apagou e...
Tem vontade de gritar. Sente que vai rolar, se precipitar num abismo.
Anacleto está com os olhos revirados, pedrados, sem luz...

3

Ponte Metálica. Tinir de cilindros. Guindastes girando, girando, fazendo roda. Correntes barulhentas. A água verde se agitando em baixo. Velas brancas correndo na superfície do mar. “Araponga”, “Veloz”, “Sirigaita”.

– 22!

Uma lancha passa bufando, beirando a ponte. A chaminé espirrando fumaça. Um homem de camisa cavada movendo o leme, tirando baforadas de um charuto preto.

– 22!

– José Feitosa!

O sertanejo deixou as jangadas de mão, esqueceu o charuto preto do homem da lancha.

– Pron-on-on-to...

A palavra saiu com temor.

– Ora “seu” palerma! porque não falou há mais tempo... Isso aqui não é brincadeira de meninas fome, não!

Enérgico:

– Vamos, embora!

Feitosa desceu a escada, se tremendo todo. Esperou que os vagalhões encontrassem a chata para pular. E foi esbarrar no meio da embarcação, batendo nos corpos magros, fedorentos, em tiras...

Lá em cima o homem de macacão vermelho gritando os números como num jogo de meia-meia. E o barco se afasta da ponte num bambear silencioso. Outra chata já

vem se aproximando. A voz rouca, antipática, chamará os homens com arrogância.

– 28, 29, 35, 45, setenta e tantos...

Feitosa pensa. Cortar seringa, ir pro Amazonas, ficar rico, rico, rico...

4

Os primeiros dias a bordo foram nevoentos. Feitosa sentia-se perdido em meio a multidão que se acotovelava na terceira classe. Dormiam uns por cima dos outros. Rolava no ar um cheiro acre. Tudo fedia a mijada de potó. Depois, os dias passando, deixou de enjoar e a vida tomou outro rumo.

Zémoreno, um cabra decidido da terra do Pe. Cícero, apareceu naquela sujeira como um presente do céu. Tocava cavaquinho, tirava versos com os amigos e falava de umas aventuras que ele fez, em tempo de moço...

Pela tardinha, enquanto o navio jogava molemente nas ondas, se reuniam para ouvir Zémoreno cantar. E que voz, e que canções saíam daquele peito sexagenário...

– Eita ferro, esse cabra é mesmo do furdunço...

– O cavaquinho foi ele mesmo quem fez. No Juazeiro é assim, só não se faz menino em macho...

Um velhote de papo pro ar espia as nuvens que atravessam o céu. Mas não vê nuvens. Está vendo a filha de um compadre seu, menina se botando pra moça com dois seios que são mesmo uma teteiazinha, despida, dizendo assim: eu gosto de você, Lourenço! eu sou louca por velhos de barba crescida...

Feitosa gosta de Zémoreno. Aprecia também o cavaquinho. Tem até um pouco de soberba quando diz que o tocador é lá das bandas dele. Mas fica cismando como Lourenço. Na chaminé do vapor aparece um trem. Depois

aparece uma estaçãozinha, aparece um homem fumando um charuto, o 22, 24, 45, agora, é o navio que aparece e ele dentro, assustando, Zémoro tocando num ritmo maluco que afugentou as tristezas da gente.

- Toque outra "seu" Zé!

- Ah cabra bom do diabo...

E o caboclo, todo cheio de dedos, se babando como moça sem-vergonha.

- Tá... Vou tocar a embolada do Lampião.

O velhote se assustou. A filha do compadre desapareceu. Feitosa se ajeitou em cima das pernas e continuou cismando. "Vai pro Amazonas, não vai? Cortar seringa, não vai? Seringal? que será, meu Jesus, que será isso? Vote! O velho Enedino bem que dizia... Contava tanta história daquele mundo... Chamava "inferno verde", "tempão do diabo"... E a boiúna? a pororoca? as onças armando o bote, farejando sangue, esperando a hora?... Vote! Mas havia de voltar com um anelão no dedo, de 18 quilates, bancando o paroara... "Enrola o cigarro. Tem a impressão que Anacleto está a seu lado, contando a viagem que fez do Crato a Fortaleza, comendo raiz, roendo ossos, cuspidando brasa...

Risca um fósforo. Vai tragando a fumaça.

A noite se desprende como um véu de noiva.

A "Itaúna" corta as águas, silenciosamente...

5

Fazendo fileira com os outros foi andando incertamente como se tivesse atracado no fim do mundo. O passado dormia em seu cérebro. Chegada em Belém, a vista da cidade sonolenta embalada pelas águas, a viagem no gaiola, dias a fio, sentindo a floresta misteriosa avançando, se afastando, se sumindo de todo, o grito aflito das

aves, os olhos esbugalhados dos jacarés, a conversa pau, chatíssima dos que vinham a bordo...

Um homem barrigudo, cheirando a cachaça, apontou-lhe a colocação.

- Este brabo fica ali, por enquanto. Depois, vai para o centro do Novo-açu.

- Inhor sim...

Segurou os cacarecos, desejou boa noite e foi se alojar. Subiu pela escada, sentindo o madeirame gemer. Um pedaço do passado despertou. "Ora, "seu" palerma, embarca!"

Chegou ao topo. De lá, olhou o feitor dos dedos sujos, olho atravessado, dizendo a mesma coisa aos outros. "Você, ali. Amanhã, irá para o Igarapó-pequeno. Você, vai logo hoje. Seu centro é perto... Pronto. Tudo bem..."

Feitosa sentou-se no soalho, olhando o terçado que pendia a um canto, o rifle enferrujado encostado perto do pote.

"Quer ir para o Amazonas, ganhar dinheiro, muito ouro, ou quer mesmo ficar aqui comendo rapadura com farinha, agüentando abuso?"

Cospe de lado. Coça a cabeça que parece oca.

Depois, ergue-se com dificuldade a arma e tipóia na cabeça das forquilhas. Deita-se. Com ele se deita a lembrança de uma criatura formosa, voz macia, em pelos, de braços abertos, esperando, esperando...

O vento vai saindo, se escapulindo...

- Cortar seringa? que diabo é isso? Brabo... brabo... brabo...

E se despregou do passado num sono solto.

6

Um ano, dois, três, cinco!

A borracha dominou o mercado sem mais aquela. Foi subindo de preço, subindo, enricando todo mundo. Feitosa

se acostumou com a vida estirada, perdida nos centros e baixou a mão a trabalhar que foi de pasmar. Sua conta no barracão desapareceu num abrir e fechar de olhos. Mandou buscar uns camaradas no Ceará e se fez dono de um seringal. O “Nova Esperança”.

O tempo, no entanto, não acabou com as feições roceiras do sertanejo.

Feitosa era o mesmo Feitosa de Juazeiro, correndo atrás do gado na caatinga, furando o mato cerrado, jogando baralho com os comboeiros...

Às vezes, fica sentado no girau, olhando as águas desembestadas, pensando no Ceará.

E não enxerga o regatão cabeludo que lhe ofereceu umas miçangas de S. Paulo, uns vidros de perfume, cheirando, cheirando tanto...

Divisa no meio do rio muita gente reunida. Caras conhecidas. Gente de Juazeiro. Totonho. Pedroca. Zémoreno... (e por falar em Zémoreno, o coitado não deu pra cortar seringa. Esteve à porta da morte, ferido como todo, e foi servir de tocador. Em qualquer putirum, onde havia cunhãs pra arrastar os pés, lá estava Zémoreno, barbado, com seu cavaquinho, comendo de esmola...)

As antigas rodinhas na botica. Alguém comentando, a meia voz, que há muito ladrão na cidade, mas o dr. Floro está mandando tudo pra rodagem...

E Feitosa quer falar também, quer estender o braço e bater na cabeça de Totonho... Mas não bate, não bate em nada, está no seringal, em cima do girau, olhando as águas que correm, correm, desaparecem...

- Só vortando pro Ceará...

7

Oito de dezembro. Dia da Imaculada. Em frente ao barracão é um ajuntamento infernal. Há mais de duas horas

que chega gente. Os curumins vão e vêm, assobiando, soltando traques no meio do povo. Até um cabra caraxuê do diabo foi convidado. Então, a festança não era mesmo pra todo mundo? Quem arranja forró cai com os convites...

Feitosa gosta da santa como ninguém. Tem devoção, esquece qualquer inimizade, vamos dançar! quero ver os cabras dançando! e na sala é aquele estrupício.

Uma fogueira enorme crepita no barranco espantando os jacarés olhudos. Até do igarapé da barra vem chegando gente.

- Vira "seu" Feitosa!

Em cima das mesas, porco assado, galinha gorda, tracajá, pirarucu, tambaqui. De quando em quando uma bicada de cana com tira-gosto de peixe frito.

- Paidégua!

Feitosa sente que o samba está mesmo animado, como cousa de gente graúda. E sente também os seios empinados de Luiza, a filha mais moça do Mané Timbó. Aperta o braço. Aperta Luiza. Aperta a vida que ele desejou dentro da rede encardida da barraca...

- Achi! Parece que quer me comer...

- Luiza, você quer casar comigo?

- Uai...

8

- Arruma os terengos, mulher! Você vai ter esse filho no Ceará!

- Tá doido!

- Tou não, Luiza... Mas, eu hoje amanheci com uma saudade tão grande, tão medonha de minha terra que não suporto, não suporto... A gente nasce na terra, vem a seca, bota a gente pra fora, nós bola-bola e volta outra vez... Aquilo é que é terra...

- Depois o curumim pode morrer...
- Nem que morra. Tem que ser é cearense, cabeça-chata como eu.
- Vote!

9

O coração dentro do peito ficou pulando, dando sopapos de alegre. Lá estavam as praias de Iracema, Pirambu, apinhadinhas de coqueiros, e acolá, mais pra cá, mulher, do lado direito, bem em frente, o Farol do Mucuripe. Que terra, que terra...

E este mar? esta água verde que martela as praias sem cessar?

O arranha-céu do Plácido, furando as nuvens...

(A voz do homem chamando os números desapareceu. Escondeu-se em algum canto sombrio. O homem da lancha continua passando, pinicando saudade. Na Ponte Metálica, não há o cheiro acre de roupas sujas, em tiras... nem a chata está se aproximando da escada para receber os flagelados.)

Feitosa segura o braço da mulher com todas as forças.

- Luiz, é este o meu Ceará!

10

E Luiza foi botar o curumim no mundo em Juazeiro, na casa caiada de novo, lá no Sitinho, bem pertinho da correnteza do Cristal que já está tomando água, zuadento, zuadento, zuadento...

EU SOU O PAULINO DO SERIDÓ

1

Como os outros, Paulino viera furando esse mundo de meu Deus, dormindo nas estradas cheias de quanto cabra ruim, rompendo toda sorte de miséria, maltratado, esculhambado, sonhando de noite e de dia com Orós... com a ânsia sem fim de avançar dentro do tempo, por cima de pau e de pedra, e pisar na terra silicosa. Sim, o negócio estava em chegar primeiro, quando havia carência de braços fortes, de gente entroncada pra pegar na mareta e se agüentar numa boa colocação.

Agora, nessa manhã embebida de sol, podia gritar bem alto, mirando os curumins com a roupa que Deus lhes deu nadando nas águas do Jaguaribe entre cardumes de curimatás que se moviam num glute-glute-cheque-cheque...

Mais afastadas, nas poças que o rio fizera no furor das enchentes, asas-brancas saciavam a sede. De cima do morro, Paulino sentiu-se outro, respirando fundo, bem feliz, com uma vontade medonha de cantar, de chorar ou até mesmo de assobiar um dobrado, uma marcha carnavalesca, um fox... E olha a cidadezinha onde viera ganhar a vida, outra vida que não fosse tão crua como a de Seridó, olha, espia, anota o movimento febril dos homens, a casa das máquinas cheia, transbordando de fumaça pelos canos longos, deixando em torno uma vaga impressão de domínio. Ao longe, as casinhas de taipa, cobertas com pa-

lha de carnaúba e folha de zinco se debruçam sobre a ba-
cia do açude numa contemplação doentia.

Paulino cospe na terra com orgulho. Só queria que o
Gonçalinho estivesse ali, vendo ele cuspir na terra, no
chão enxuto, dizendo tim-tim-por-tim-tim como fizera
aquele viajão desde Seridó até a construção de Orós... E
bate com as mãos fechadas no peito cabeludo aparecen-
do num rasgão da camisa, murmurando em voz baixa
umas tantas léguas que andou a pé num só fôlego, sem
reclamar, sem nada...

Esteve por um momento olhando o perfil das serras
que se desenhava em frente. Depois, escorregou pela la-
deira pedregosa e aproximou-se da primeira casa que viu.
Ao chegar à porta, foi arreado a maqueira e dizendo para o
interior:

- Oi de casa!

Uma voz arrastada, pesadona, respondeu lá de dentro:

- Empurre a porta e entre...

Paulino obedeceu. Enfiou na sala. A um canto estava
uma jarra das grandes com a boca atada por um pano
branco. Desatou-o cuidadosamente e meteu o caneco na
água fria que lhe tocou os dedos.

Uma velhinha, metida num vestido de riscadinhos
preto e branco, veio se arrastando pelo corredor, apoiada
numa bengala de jucá queimado.

- Bom-dia "seu moço"...

- Bom-dia, dona.

Paulino estendeu a mão calosa e úmida, num gesto
amigável.

E foi logo tirando a história todinha, por entre os den-
tes amarelos, mexendo os braços, fazendo de conta, mos-
trando os pés feridos, sangrando...

Era filho de um cearense, Juca Estevão, natural do
Crato, e de Raimunda Florença, uma riograndense do nor-

te. Os negócios iam de mal para pior. Queria dizer. Lá para os lados dele, no sertão do Seridó. O sol queimava, maltratava, não havia dinheiro. Podia crer. O dinheiro não aparecia... Um dia, sim, numa sexta-feira, um colega lhe dissera que o governo no Ceará estava precisando de cassacos pra construir o Orós, um açudão do diabo de grande... E ele, está bem visto, sem ter o que fazer no Seridó, arrumou a trouxa e... zás! Pronto! Com os pés em Orós... Se queria casa pra morar? Queria sim... Não fazia questão, pagava as despesas.

Foi a vez de D. Candoca falar, com a boca sem dentes, mole, soltando palavras fanhosas.

- Tá ceroto, "seu" moço... Em casa de pobre, onde come um come três.

E se virando pra ele:

- Como é mesmo a sua graça?

- Paulino Estevão, sá dona...

- Tá certo... Eu sou a velha Candoca...

2

Paulino Estevão encheu bem o bucho e veio conversar com Candoca no terreiro da casa. E a velhota foi contando também sua história. Era viúva, sim, viúva de um cabra macho, enterado, jagunço até o rabo da alma. Morrera lutando, num encontro entre marretas e rabelistas, com uma lambedeira que não tinha idade na mão, espelhando, fazendo círculos e avançando como um demônio, se babando, se espumando todo... Ah! que homem pra reinar... Bem, esteve muito tempo em Iguatu, terra dum povo chove-não-molha, juntamente em companhia de um filho, rapagão, bicho homem também. Mas um dia, apareceu Zéleão de braço dado com Lampião, e não queira saber...

- Morreu?

- Antes fosse, “seu” Paulino... Virou bandido, armado até os dentes. Desaforado, andando com a mulher de todo mundo... Então arribei minha tenda e fui morar em Juazeiro. Numa mais Zéleão deu notícia. Filho ingrato! Quando aquele corno tinha qualquer doença, lá estava eu balançando o menino, cantando pra ele dormir... Ingrato!

- A vida é assim... um bocado ruinzinha...

- Pois é, rolei, boleei e vim parar aqui. Faço comida para os cassacos, vou ganhando, vou passando, como quer o Senhor...

Paulino acendeu um peito-de-vaca e ficou olhando, incertamente, arrotando sopa de peixe.

O que lhe interessava no momento era trabalhar. Arrumar uma colocação e mostrar à turma como é que se pega no cabo de marreta e manejar a bruta em cima da rocha, teco-teleco-tec...

O sol parou bem no centro do céu. Um jumento magro, retinto, aproximou-se do oitão da Usina e ficou se roçando numa forquilha de sabiá.

Um apito estridente, nervoso, ecoou de serra em fora. E, ao mesmo tempo, os homens se postaram uma um e seguiram num passo lerdo para o almoxarifado, depositando, ao pé do balcão, pás e demais ferramentas. Os caminhões que carregavam cimento foram estacionar sob um galpão de zinco, bem no meio da construção. D. Candoca explicou. Os cassacos estavam almoçando mais tarde. O serviço tinha que ir logo.

e ajuntou.

- É melhor “seu” Paulino falar com o inglês.

Um homenzarrão espadaúdo assomou à porta do barracão tirando baforadas de um enorme cachimbo.

- Eita-pau! que homão...



3

O dedo vermelho alongou-se em direção da pedreira, enquanto o estrangeiro dizia, numa fala complicada que ele “quebrasse pedra”.

- Inhor sim.

Mr. Rambo ia ver como um cabra do Seridó lascava tudo, suando frio mas agüentando firme! Desceu os degraus de quatro em quatro e foi direto ao feitor exigir a ferramenta.

Um homem magro, corcundo, lhe recebeu à porta com rispidez.

Paulino fitou-o bem. O indivíduo também o dissecou com a vista morta.

- Se você não é o filho da Maria das Dores, o diabo me carregue para o inferno!

O outro ficou espiando o sertanejo, desconfiado, procurando descobrir em seu rosto, nos braços longos e grossos, nas pernas, na roupa de algodãozinho, alguma coisa que lhe avivasse a memória. Depois, passou a mão pela barba raspada, cuspiu do lado e falou com timidez.

- Não pode ser... Você não é o Paulino do Seridó....

- Besteira, homem! E quem haverá de ser?

Olhos grandes cheios de espanto:

- É verdade?

- Ora se é...

- Por. S. Francisco de Canindé? Criatura, como você está mudado... É isso mesmo, até as pedras se encontram... Venha de lá um abraço!

E os dois amigos se abraçam entre frases soltas de alegria. Em verdade, Paulino tinha se transformado um pouco. A seca braba, a vida dura no cabo da enxada, no cabo do machado torando madeira baita lhe alteraram a fisionomia, até o corpo roliço, musculoso... Não parecia mais aquele caboclo rijo, fornido, que era a honra de todo Serodó, o “quê” de alegria das mocinhas casadeiras... Cer-

ta vez, esbofeteara em pleno mercado, num domingo de feira, gente assim, o próprio delegado.

Reconstituíram a cena. Novais falou num soco bem aplicado na barriga do bruto. Paulino continuou:

– “... e quando o cabra quis se balançar em cima das pernas, eu já estava com a folha de palmo e meio nas banhas dele...”

– Você se lembra de sua encrenca com a D. Biloca?

Do lado de fora veio o apito da máquina. Logo após uma cousa passou zunindo de um lado a outro da serra, chiando no cabo de aço. Os caminhões foram saindo da latada como baratas novas.

Paulino segurou a marreta pelo cabo e colocou-a no ombro.

– Se me lembro... Bati com o pé no chão, disse que não casava com a filha dele, xinguei tudo que foi de cunhã, correu boato que eu ia ser encanado e nada aconteceu. Você tava vendo... Um cabra bom como eu não ia casar com uma tipinha sem eira nem beira... Tá doido!

– Tempão bom...

– Tempão de peso e medida...

Foi saindo. Os casacos iniciavam a vida. A perfuratriz num ronco agoniado furando a terra. Duas ou mais bombas centrífugas esgotando a água barrenta do poço, cuspidando poeira num rangido enervante. De vez em vez estampido forte percorre a pedreira, galga a serra num eco absoluto. E os homens vão furando a serra, estirando metros e metros de túnel.

O braço de Paulino se eleva com agilidade e cai pesadamente, em cheio, nas pedras que se esbandalham com estrondo.

Novais, da porta do almoxarifado, espia o velho camarada.

E avista um novo Paulino ressurgindo dentro dos 30 e poucos anos.

4

Noite de maio. As estrelas se grudam no céu, algumas correm riscando o firmamento. Fora, o vento, desavergonhado, levantando o vestido das mulheres. Na sala, o calor é grande. Novais está sentado em cima do peitoril da janela, olhando o sete-estrela.

D. Candoca não diz nada. Limita-se apenas em correr as contas do rosário de N. Senhora.

- Conta como foi, Novais...

Novais está cansado de repetir a história, mas conta.

Paulino puxa a camisa de meia até os cós das calças.

- Sei lá o que queriam... O fato é que roubaram dinheiro e esculhambaram tudo. Caso raro, bem raro... Eu estava dormindo quando o vigia, aquele camarada vesgo, me acordou nuns gritos danados, todo atrapalhado, dizendo que um cabra mal encarado tinha soltado o diabo em cima da cabeça dele, arrombado a porta do armazém e roubado tudo, esbandalhado tudo! E disse: "olhe minhas costas". Espiei. Parece que tinham dado uma surra com pinhão brabo. Cada mancha assim. Desse tamanho, sem exagero. Aí, fui correndo avisar o inglês.

Calou-se. Paulino foi à jarra e bebeu um pouco d'água.

D. Candoca encolheu-se, se tremendo.

- O negócio não vai bem. Isso é astúcia de Lampião. Conheço as manhas do miserável. E note bem. Vai ter estrupício aqui, ainda nesses dias.

Paulino tossiu cavernosamente.

Um ventinho frio arrepiou os cabelos de D. Candoca.

- Tesconjuro! cruzes! A morte passou por mim.

- Pois é, tornou Novais, eu já abri os olhos do inglês. Lampião não é sopa não!

A velha foi ao canto da sala e ajeitou os tições entre os tijolos que sustentavam a chaleira.

- Tá quase fervendo, "seu" Novais. Vou passar um cafezinho...

E desapareceu tossindo, se rogando de S. Francisco pra que o ataque de asma não viesse forte. Dentro do quarto, D. Candoca se ajoelhou diante do oratório e pediu aos santos que botassem Zéleão no caminho do bem.

Na sala, Novais continua olhando o sete-estrela.

Paulino cochila com o cigarro na boca penando, sonhando com o corpo do delegado retalhado a ponta de faca.

E o cigarro vai queimando, se fazendo em cinzas.

5

De manhãzinha, correu a notícia. Lampião queria dinheiro, muito dinheiro, sob pena de assaltar Orós. Os cassacos, impacientes, medrosos, iam passando para os companheiros a triste notícia. Lampião vem aí...

O britador emudeceu. As bombas ficaram trabalhando silenciosamente. Lá no meio do tempo havia os grupinhos, os bate-boca, Novais conversando, acalmando o povo, Paulinho olhando o inglês.

Mr. Rambo com as letras mal traçadas sem nada entender. O médico vai explicando o que quer dizer aquele papel.

"Rambo, fio da mãe.

se prepare caraxuê vermelho. nós vamo alisar o jucá na costela de você e dos outros. Porqueira!

LAMPIÃO.

P.S. Tenho quarenta cangaceiro comigo".

Lá embaixo, a roda é maior e os homens comentam as façanhas do bandoleiro.

- É um peste! capaz de comer o coração da gente ainda bolindo.

E outros:

- Se o homem não soltar dinheiro pra ele, vem o diabo para cima de nós.

- Iguatu, é um salto de pulga pra cá. Legüinhas de beijo...

O inglês sentou-se numa cadeira de vime. Entendeu o bilhete:

- Gangster!

6

Paulino virou-se na rede, pra lá e pra cá, apanhou o cachimbo de barro, socou o fumo e tirou uma fumaçada. “Que diabo! que diabo! Por que o sono não vem?” Olhou para a palha do teto e divisou, por uma brecha retangular o pedaço do céu azul crivado de estrelas que aparecia lá em cima.

A noite cai lá fora com os cachorros errantes e o gatos famintos, choramingando. “Que diabo! que diabo!” A estas horas, Novais devia estar sonhando com Maria Elena, uma menina pra lá de boa que estava morando em Orós e a mulher de Manduca se botando para os braços do inglês que se mordida todo por um peixão daquele! O menino mais novo de D. Chica chocando, se babando, fazendo o velho Adriano dizer nome feio.

Paulino fecha os olhos, pensa. Avista mr. Rambo dizendo que tem fuzil para o bandido. Dr. Melo, mais cauteloso, mostrando a gravidade do momento. Depois, o caso resolvido. Se o bandido viesse teria bala entre as costelas...

Abre os olhos. Que há pela noite adormecida? Ein? que há?

Paulino apurou os ouvidos. Alguém cochichou. Um animal relinchou e bateu com os cascos no chão. Parece que um novo mundo vem despertando dentro da noite.

Saltou da tipóia e correu à porta. Espiou por uma greta.

Esgueirando-se, pelo oitão da usina, vinha um vulto metido num capote escuro. Atrás, um pouco afastado, estavam outros vultos, a luzinha de um cigarro se mexendo como um vaga-lume desordeiro.

Num momento, Paulino compreendeu tudo.

- Lampião - bandidos - armados - assaltar!

Agarrou a espingarda de dois canos, encheu a mão de balas, metendo-as pelos bolsos, pela cartucheira e pulou bem no meio do terreiro como uma fera enraivecida, preparando o bote.

Paulino levou a arma ao cavado, fez pontaria e deu mão ao chão.

Um tiro surdo repercutiu de serra em fora, de quebrada em quebrada. E um vulto alto tombou como um boneco de molas.

Resguardou o corpo na porta da casa. Um estampido forte, seguido logo de outro fez eco também. E as balas arrancaram lascas de madeira do portal. Vozes misteriosas erravam na noite. O filho de D. Chica começou a chorar com medo. O velho Adriano dessa vez não disse nome feio. Calou-se. Algumas portas se abriram vagarosamente.

- Vamos matar esse peste!

- Eu te ensino, corno!

Paulino recuou dois passos.

Nova pontaria. Novo estampido. Alguém caindo, se maldizendo, soltando pragas.

D. Candoca acordou sobressaltada, agarrou uma garrucha velha e veio para o terreiro:

- Agüente firme, "seu" Paulino!

E o tiroteio se formou. Tiro pra lá, tiro pra cá. Gritos. Pragas. Gemidos. Outros já estavam atirando também.

De repente, Paulino compreendeu sua situação. Procurou a cartucheira, tateou o dedos no bolsos e não encontrou mais nenhuma bala. Estaria pedido? deixaria aquele bandido que vinha se aproximando dele e de D. Candoca ferir a ambos?

E o caboclo sentiu chegando para o coração, correndo nas veias, o sangue vivo, violento dos cabras do Seridó. Soltou a espingarda imprestável e sacou da lambedeira.

- Se você é macho dê um passo!

Não houve resposta. O vulto se limitou a caminhar num passo firme em direção dele.

Paulino empurrou a velha para trás e foi de encontro ao bandido, peito aberto, faca na mão, espumando, golpeando o ar, na certeza de acertar uma facada.

Agora, havia um zum-zum infernal. Um estalajar maldito tomando conta de Orós. Parecia que todo mundo estava brigando, falando, dizendo nomes.

D. Candoca avançou. Puxou o gatilho, a arma emperrou. E ficou se tremendo num acesso de asma, tossindo, tossindo, até cair com os intestinos à mostra e a mão crispada, agarrando o cabo da arma.

- Matei a velha. Falta você, "seu" corno!

A faca foi bem pertinho dos peitos do bandoleiro mas o cabra negou o corpo de banda. Foi a fez dele. A lâmina brilhou na luz e se aprofundou no coração de Paulino.

Paulino rodou sobre os pés.

Aí ficou doido, cego, ensangüentado. Desferiu golpes a esmo enquanto o punhal do outro ia ferindo, acertando no coração, uma, duas, três cinco vezes.

E foi perdendo os sentidos, sentindo em volta, nos seus ouvidos, o ratratá macabro dos que lutavam, sentindo as pernas bambas, dobrando-se nos joelhos em procura do chão.

A voz continuava, entre rancos surdos, martelando seu corpo:

- Conheça, cabra! Eu sou é o Zéleão...

A LINHA MESTRA DA FAMÍLIA

1

Honorato nasceu no Alto do Bode, lá se criou entre anos de seca e de chuvas arromba-açudes, fazendo compadresco, plantando roçado e indo a Pacatuba aos domingos para assistir à feira.

Casou-se com D. Elvira e aos cinqüenta anos (completou no dia 15 do mês corrente...) já tem três filhos rapazes e uma menina se botando para moça que vai dar mesmo um pedaço de mulher, último rebento de um amor sincero sem gritos nem bate-boca.

De início, Honorato só tinha cinco dedos da mão dentro do bolso. Mas depois, com a chegada de um português taludo, homem viajado, mestre em negócios de padaria, surgiu uma panificadora em Pacatuba e Honorato não teve dúvidas. Meteu o pau pra cima a trabalhar e com pouco tempo já possuía sua liberdade, comprava dois sítios na serra e ia viver uma vida descansada no Alto do Bode. Mas antes de ir para lá, contratou casamento com Elvira, e pronto.

Agora está ali, no alpendre da casa, relembando o passado, somando dias, tirando a limpo toda sua vida sem esquecer nenhum tico. E olha a água do açude que se cria ao pé da serra verdejante, respirando com satisfação aquele ar que é um santo remédio para sua asma. Que vida! que vida!

Pedro, Osvaldo e Olavo andam pras bandas da cidade.
Eneida rega as flores do jardim.

Um suave perfume sobe do terreiro da casa. É D. Elvira que vem entrando com uma braçada de flores.

2

Jantam sempre às sete horas.

Honorato fica à cabeceira, senta-se depois. D. Elvira ao lado do velho, perto da filha, e os rapazes se espalham pela mesa.

Os acontecimentos do dia, obrigatoriamente são relembrados.

Enquanto isso, servem-se da sopa de macarrão. Depois, é uma carne de porco assado, arroz, feijão de corda e farinha. Às vezes, acontece que D. Elvira reserva uma supressa. E a surpresa quase sempre é uma galinha cheia... ou algumas curimatãs ovadas muito do gosto do chefe da família, pegadas por ele, já se vê, quando o calor é intenso dentro de casa e na parede do açude sopra um ventinho camarada.

- A sopa está boa...

- Vou me servir outra vez.

- Eu também quero, Osvaldo!

D. Elvira fica satisfeita.

Sente-se feliz em saber que o seu tempero agrada aos filhos, e pisca o olho para o marido que está se servindo da carne de porco.

Olavo não fala. Come sem nada dizer. D. Elvira pensa que ele tem dor de dente. Coitado, só vive assim... É o jeito perder o medo, criar coragem e ir a Fortaleza dar um jeito na história. Mas, Olavo não se lembra do dente nem tampouco está sentindo nada. E devora o arroz como se estivesse fugindo de um espírito mau, ou quem sabe? do lobisomem que apareceu no Alto do Bode... Não, não é bem isso. Olavo brigou com o filho de "seu" Lucas, que-

brou-lhe dois dentes, quase tira-lhe um olho, e “seu” Lucas prometera fazer-lhe a cama, contar tudinho. E que vai ser dele, se “seu” Lucas contar a Honorato o motivo da briga? Faz vergonha... faz mesmo... Empurra o prato com as mãos e se levanta. D. Elvira desapareceu na porta da dispensa para reaparecer com uma meizinha muito boa.

- Tome, Olavo, bote em cima do dente...

Olavo tem vontade de dizer que não sofre do dente, que está pensando na briga, na possibilidade de “seu” Lucas aparecer naquela noite e estragar a vida dele. Pinóia! Pendente a cabeça no ombro de Elvira e vai contando como aconteceu o encontro, a briga, as palavras que o outro dissera com a irmã dele.

- “Tua irmã tá com umas coxas do céu...”

Disse também as palavras de “seu” Lucas e voltou para a mesa, bastante satisfeito, se achando mais leve, sentindo que tirara um peso de cima de seus ombros. D. Elvira correu a cozinha para passar o café.

Vem o café quentinho, passado na hora. Todos bebem. Erguem-se depois. Oram. Fazem o pelo sinal da cruz e se retiram.

3

À noite, Honorato se fica com a mulher na calçada, deitado na espreguiçadeira, conversando. Quando falta assunto, olham as estrelas que se aparecem no céu.

Olavo acompanha a irmã até a casa das Florenças, lá perto da estação e se junta com os outros irmãos na avenida, porque o Alto do Bode é triste, e no dizer de Osvaldo só serve para Honorato e Elvira que já estão farto de viver.

Todos os dias é a mesma vida. Levantam-se ainda cedo, com o canto do galo, arreiam os animais e vão bus-

car frutas nos sítios do velho. Honorato dorme até sol alto e acordo sempre resmungando que precisa se levantar mais cedo e que isso não é vida. Elvira faz o café e vai ao galinheiro olhar como vão as galinhas.

Às 10 horas, os rapazes voltam da serra para almoçar. Eneida já vem vindo também do Grupo, com os livros em baixo do braço.

- Hoje, cheguei primeiro.

- Você veio correndo...

- Eu não!

E entram todos sorrindo.

Até a casa parece que ri também quando a família se reúne.

4

No dia em que D. Elvira morreu foi um mundo se acaba. Ninguém pregou olhos nesta noite. De momento a momento, Honorato beijava o rosto da finada enquanto as lágrimas desciam pelo seu engelhado.

Os rapazes, nem se fala. Estavam tristes, cabisbaixos, recebendo pêsames. Eneida deitou-se na rede falando bobagens, que era mentira e perdeu os sentidos.

Os vizinhos dizem palavras de consolo. Mas Honorato não houve. E beija o rosto de Elvira.

- Acabou-se a felicidade... acabou-se a minha felicidade....

5

O enterro saio e a vida continuou, cheia de altos e baixos como as ruazinhas do Alto do Bode.

6

Eneida chegou à tarde contando aquela história. Dizia que “seu” Frutuoso estava se botando para ela, fazendo declarações de amor, prometendo Deus e o mundo. Os irmãos ouviram muito atentos as palavras da moça e se combinaram para fazer o tal fulano desistir da paixão.

Honorato, mais experiente disse que eles não fizessem aquilo. Era melhor esperar que as cousas por si mesmo se resolvessem. Porque quem mexe com casa de maribondo em ferroadas quer se meter...

Olavo ficou triste. Preferia esmurrar o rosto do camarada.

E Eneida passou uma noite horrível. Sonhou que “seu” Frutuoso vinha se deitar com ela na mesma rede, então ela gritava: papai, chegue que “seu” Frutuoso está na minha rede! E Honorato vinha com uma faca sem idade e matava o miserável. Depois, chegavam os irmãos.

E foram jantar. Honorato ficou à cabeceira. Todos se sentaram. Tirante D. Elvira que se acabou para sempre.

7

A paz da casa de Honorato sentia-se abalada pela segunda vez, com aquela paixão de Frutuoso, um homem já trintão no duro que não enxergava seu lugar. E tudo piorou ainda mais quando ele foi novamente à menina insistindo para que ela resolvesse a se casar.

- Eu tou doidinho por você!
- Você é besta, velho... Conheça seu lugar!

Pedro ia passando e chamou Frutuoso a ordem.

- De outra vez eu lasco você, seu peste!

Enquanto isso, a paixão de Frutuoso aumenta. Para onde se vira vê a cara de Eneida, menina-moça de olhos vivos, dizendo que sim, que quer se casar com ele no padre. E Frutuoso não pode dormir. Sonha cousas absurdas. De manhã, acorda contando para os colegas.

- ... juro que foi verdade... com franqueza... sonhei que era já marido dela... marido dela... dormindo com ela na mesma rede... beijando seus cabelos... cabelos cheirosos... perfumados...

Diziam que Honorato era um velho metido a sebo. Ia ver. Precisava falar com ele, sondar o ambiente. Preparou-se todo. Botou o revólver no quarto e resolveu:

- Se aquele velho não me der a filha em casamento, eu faço uma asneira... faço mesmo...

E guiou os passos para o Alto do Bode.

8

Frutuoso pegou o tamborete que o velho lhe ofereceu e sentou-se, mastigando a ponta do charuto com um nervosismo acentuado. Honorato fez sinal com a cabeça para que os filhos se retirassem.

Por um momento, caiu um silêncio enervante na sala. O gato passou pelo corredor perseguido por um cachorro da vizinha e se trepou em cima do aparadorzinho. O espelho de Eneida caiu com estrondo e se desfez em pedaços. Honorato franziu o sobreolho. O cão e o gato desapareceram como por encanto. Frutuoso puxou um lenço encarnado do bolso e limpou as mãos suadas.

- Bem "seu" Honorato, como eu ia dizendo... vim pedir sua filha em casamento.

La dentro, uma voz de mulher disse "espelho quebrado dá azar".

Honorato ficou olhando o abismo. O abismo na história é Frutuoso de frente suarenta, cabelos soltos, bafo de cana, com um riso sem qualificação.

- Gosto muito de sua filha.

E foi contando, jogando as palavras nos ouvidos do velho que não ouvia Frutuoso, escutava o abismo, abismo profundo, traiçoeiro que atraía os incaustos.

- ... muito ... gosto dela ... menina boa... sabe cozinhar, ler, varrer casa, cuidar de tudo... gosto dela... o senhor compreende... sou um bom cidadão... é paixão, com franqueza... paixão de dois...

Honorato fechou os olhos. O abismo desapareceu. Em sua frente Frutuoso diz bobices.

- Paixão de dois, não, sr. Frutuoso... Minha filha ainda não pensa em casamento... é muito nova... Talvez não goste do senhor.

Gostará? Gosta sim. O que ela tem é vergonha de dizer. Coisa mesmo de moça.

O abismo veio de novo para a frente de Honorato. Virou o rosto. Tinha a ilusão que assim se sentiria melhor. Chamou a filha. Que Eneida resolvesse aquilo.

Eneida apareceu. O abismo se sumiu.

- Minha filha, você quer casar com o sr. Frutuoso?

Não. Eneida não queria. E disse não como quem diz não. Honorato se virou para o rosto pálido de Frutuoso e ajuntou:

- A moça não quer... não é má vontade...

Mas há jeito.

- Está certo... vamos dar tempo ao tempo.

Despedem-se.

Um céu de carvão cai sobre o Alto do Bode. Um homem tira versos na bodega de "seu" Ramalho... Na bodega? Não! A voz vem do abismo que Honorato está vendo.



9

Pelo caminho, Frutuoso pensando, matutando. Que diabo! aquela tinha sido de entortar o cano... Não tivera sorte... nenhum pingo! Mas, ninguém tirava de sua cabeça, já estavam todos combinados. O velho mandaria ele se sentar no tamborete, depois vinha a menina e dizia que não queria casar. Velho safado! ia pagar caro, duas vezes dobrado o que estavam fazendo. Dizer que casava, casava! Não tinha nem A nem B que empatasse. Podia escreverem... Sim, porque não podia casar? Seria algum doente, algum desgraçado? Não. A menina, se não gostava dele, acabaria gostando... Disso ele sabia... Ali, o desmancha prazer é o velho. Velho sem-vergonha! Honorato é uma porra! É o culpado de tudo. Gente velha é assim, fica no mundo para atrapalhar os viventes! Pinóia! Se topa com ele, se topa... Rasga-lhe o ventre. Porra! rasga, rasga, rasga!

10

O domingo foi cheio. Veio muita gente da redondeza, mulatas cheirando a óleo de coco, velhas também com tableiros de pé-de-moleque, tapiquinha, cocadas, meninos gritantes, dizendo que a banana-seca é nova, boa e barata.

Houve feira também. E por sinal, muito animada, com caldo de cana na garapeira do João Pinto e aluá de milho com rapadura do Cariri na banca do Venâncio. Desceu muito gado do interior. Os comboeiros deixaram o gado solto no largo da Matriz e foram fazer uma fezinha no jaburu do Bar Gato-Preto.

A família de Honorato veio à cidade. Ele também. Só a noite, depois que dançaram num arrasta-pés bastante

animado, resolveram voltar para casa. Honorato fazia tempo que não vinha à cidade. E por isso, ia dando uma palestrinha aqui, acolá, onde se encontrava com um amigo.

Os rapazes e a moça na frente logo chegaram em casa, comentando a animação do dia.

Honorato se abraçou com um velho conhecido, deu boa noite e seguiu mais ligeiro. Neste momento, na hora em que ia saindo de perto do amigo, Frutuoso vinha chegando com a ponta da espada na mão, e foi avançando, com os olhos incendiados, o nariz dilatado...

– Se vire cabra velho... Só mato home de frente!

O velho virou-se. Virou-se para o céu ou para o inferno?

E a faca entrou todinha até o cabo, bem em cima do peito esquerdo. O velho gritou. Não gritou com medo da lambedeira que lhe ferira. Gritou porque viu que ia cair no abismo, rolar, rolar...

1 1

Vieram os homens e levaram Honorato. Honorato não. Finado Honorato. Na casa, o corpo ficou na sala, em cima da mesa. As autoridades vieram depois. No terreiro, a conversa era quente e nova todo o tempo.

E o Alto do Bode trocou de roupa, veio velar o cadáver.

1 2

Olavo se lembra de sua mamãe. De seu ombro morno, macio, de suas palavras de consolo... Mas, não é só Olavo que se lembra da finada. Todos estão sentindo que D. Elvira era a linha mestra da casa.

OS HOMENS DO MAR E O AMOR

1

Os homens do mar se reuniram. Estão sentados sobre o pano da jangada que repousa na areia da praia já quase enxuta pelo vento que sopra forte, bem forte.

Há mais alguém fora os homens do mar. Duas mulheres. Não. Três mulheres.

A conversa quase sempre só interessa aos homens que aproveitam o momento e falam numa mulata que veio de fora e que agora está em Fortaleza, ali, morando perto deles, enquanto outros contam histórias assombrosas de peixes que enfeitiçam os pescadores a ponta de atraí-los para o fundo do mar onde mora a mãe d'água.

Mas, hoje, há mulheres também na conversa. É que a preta Josefina esperou o marido e ele não voltou. Por isso, a conversa é triste. O mar devorou um amigo da turma.

João Cabral saíra com eles para ganhar o pão do dia, de madrugada ainda. Iam pescar lá para os lados da risca. Quando chegaram lá, se separaram.

Camarão está com a palavra.

- Eu disse pra ele. Adeus camarada! até noite...

- Até! Ocê vai ver como eu levo muito peixe... - me respondeu o finado.

Preta Josefina desabou num choro convulso, baixando e subindo os seios murchos. As outras mulheres também principiaram a chorar.

- “Seu” João prosava tanto...

Os automóveis passam barulhentos pela avenida em procura de Mucuripe. A luz da cidade morre aos pés do mar. Nos pés do mar nasce a vida dos pescadores.

As jangadas vão se alinhando pela beira da praia.

Antônio Pedro é o filho do morto. Tem os olhos escravizados nas águas, esperando o impossível. Ele sabe que o mar, depois da risca, é como o demônio do mau. Joga a jangada como um brinquedo de menino, rasga o pano da vela, arrebatando os homens dos paus e os assassina, friamente.

Depois, o mar se acalma. Fica sereno. Parece chorar, ter remorsos...

Os olhos dos homens e das três mulheres estão no rosto de Antônio Pedro.

Ele será o substituto do velho João Cabral.

2

Antônio Pedro se faz ao mar todos os dias. A vida é dura, porém é boa. Tem u'a mãe para vestir e dar de comer. É preciso trabalhar. Enquanto isso a velha faz a renda para vender à espoas de um capitalista que veio morar na praia.

A jangada ainda tem o mesmo nome que o velho João Cabral botou: “Corta vento”. E “Corta vento” será sempre uma tradição da família e admiração dos outros praiheiros que nunca viram jangada tão boa.

De manhã, amarra o barril d'água, o samburá nos espeques e trata de verificar se não esqueceu o taiaçu, a quimanga, a tapinambaba, nem a cuia da vela. Está tudo em ordem. E a “Corta vento” invade o mar com a vela

desfraldada como se fosse uma princesa de um país maravilhoso.

“Catita”, “Viajante”, “Passarinho veloz”, “Pinicada” vão atrás.

E o mar se deixa penetrar como uma fêmea lasciva.

3

Naquele dia, chegaram cedo.

Antônio Pedro ajudado pelos companheiros de pescaria trouxe a jangada para um banco de areia, fazendo-a rolar sobre os rolos. Depois, repartiu o peixe – o samburá vinha pela tampa! – com os pescadores e com o atapu começou a chamar os fregueses. Juntou logo muita gente em torno da jangada. Em dois tempos, Antônio Pedro tinha dado por findo seu trabalho. As outras jangadas já avançavam também na areia, cercadas de banhistas que se divertiam.

Foi quando chegou Pedrinho.

– Tônio, mamãe mandou dizer que você leve mais peixe... A Maria Amélia tá aí.

Antônio Pedro dobrou a vela e olhou para o menino.

– Maria Amélia? que Maria Amélia?

– Nossa prima, Tônio... aquela menina de Sobral.

– Ah...

Já se lembrava. Era a Maria Amélia, uma prima bonitona... Sabia quem era. Maria Amélia...

– Está certo... Leve esta corda de peixe... Quero o meu frito.

– Tá certo.

Pedrinho apanhou a corda de peixes que o outro lhe entregava e tratou de ir embora.

Antônio Pedro se sentou no banco da vela e ficou pensando em Maria Amélia. O mar estava calmo. Uma noite

serena se peneirava sobre a terra. O Farol do Mucuripe aceso. O mar, o céu, a noite, as jangadas na areia têm alguma cousa de Maria Amélia.

- Maria Amélia é maior que tudo isto!
Embicou para casa.

4

O pescador transpôs o limiar da porta e avançou os olhos para o interior da casinha de taipa. Bem no centro, conversando com sua velha mãe, estava Maria Amélia, toda bonita, cheirando a perfume bom, metida num vestido de riscos que lhe davam uma graça de encantar.

Antônio Pedro se sentiu tomado de choque. Ali, era a prima querida de olhos doces, lábios finos sorrindo pra ele. Não só sorriam... Diziam tudo que uma mulher pode dizer a um homem.

Preta Josefina virou-se para o filho, num riso largo.
- É a prima, meu filho.

Abraçaram-se os dois. A moça não se cansava de olhar para o rapaz.

- Chi... Toinho, você parece o homem do circo que levantava pesos de cem quilos! Que braços fortes! você é um atleta.

Sentaram-se. Um cheiro ativo de peixe frito no óleo de coco, ficou pairando na sala. Lá fora, a lua bonita furava o céu escuro, de vez em quando.

- Como vai Sobral, minha prima?

- Já prestou, Toinho... Hoje, vai mole, muito mole mesmo. O povo rico está se mudando para cá e tudo ficando ruim, sem divertimentos, sem nada. Só presta agora quando o rio Acaraú toma água e passa pelos fundos da cidade, que é uma beleza...

Antônio Pedro se lembra. Bastou a prima falar no rio. Houve tempo que a tia dele, Francisca, mãe de Maria Amélia, mandou buscá-lo para passar uns dias com ela. Foi. Lá – nesse tempo ele andava aí pela casa dos dezenove, rapaz influído, quente que só moça danada... – se deu a conhecer com a prima. A princípio, um namorozinho trivial, um amolegado de mão. Depois, paixão grossa. Maria Amélia não podia viver sem Antônio Pedro, nem o rapaz sem ela.

Antônio se lembra bem – agora quando o rio Acaraú toma água... – Sim, fugiam de casa, alta noite e iam se banhar nas águas do rio, ela toda nua, com os seios livres, o cabelo comprido se enroscando neles e as coxas redondas, o colo saliente, a cintura fina, delgada. Em noite de lua, nem é bom lembrar... Como Maria Amélia ficava bonita, assim, se banhando nas águas do rio, nuazinha...

– ... Dr. Noquinha é o prefeito. Diz que vai fazer muita cousa. Montar um cinema falado, bom, muito bom...

Antônio Pedro está agora vivendo dentro da sala.

– Você tem razão... Sobral não presta mais. No nosso tempo sim...

É a vez de Maria Amélia se lembrar do passado. Dos corpos nus, dos cabelos soltos, do amor brabo, sem peias.

O peixe estala na caçarola. Uma voz diz que eles entrem. Os três se levantam.

Maio.

Mês de N. Senhora. O sinozinho da igreja de S. Pedro canta no bronze a Ave-Maria. O sol tinge o céu para os lados do poente. Antônio Pedro chegou muito cedo. Jantou, conversou com Josefina e foi se sentar com Maria Amélia no banco da jangada.

Maria Amélia pende a cabeça em seu ombro... De onde então, avistam a casa do vigário. É que ainda tem de ir officiar as novenas e dar início as quermesses. Em frente, o mar cepilha a areia de vez em vez.

Antônio Pedro é o homem mais feliz do mundo. Maria Amélia é a causa de sua felicidade. Ele sente prazer em apalpar aquele corpo que tem pra mais de treze mistérios gostosos... É u'ma Maria diferente das outras. E sabe amar um homem como ninguém!

- Quando é o nosso casamento, nego?

Antônio Pedro diz uma data qualquer.

E já parece distinguir no meio da praça - o mar é uma praça enorme esquecida dos homens - a casinha amarela que será deles dois.

A voz grave do sino rompe a noite.

Antônio Pedro beija Maria Amélia.

6

As rodas na praia se sucedem todos os dias.

E há homens comentando o casamento de Antônio Pedro com Maria Amélia, num arrasta-pés que houve depois, muito animado, com bate-bate e vinho de jenipapo a valer.

Os anos principiam a correr. Um, dois, três... quatro!

7

Antônio Pedro deu graças a Deus quando chegou em terra.

Não tivera sorte. Os peixes pareciam irados contra ele. Nada, quase nada trouxera da risca. Rolou a jangada para o local de costume e olhou o mar com desdém, soltando uma praga por entre os dentes.

- Isto lá é vida!

Osório veio vindo e se acercou do amigo.
- Dia ruim, não foi? Parede que sua jangada tem ponta de ferro...
- É... o feitiço anda no meu calcanhar... Mestre Lucas tem razão, agosto é o mês do desgosto.
O outro acendeu um charuto de tostão.
- Sabe, Tônio, eu tenho uma cousa para lhe contar.
- Desembuche logo, bote pra fora, homem!
- A Maria Amélia...
Fez uma pausa acusadora.
- Que? alguma cousa?
- Depois eu conto... É preciso calma.
Antônio Pedro se virou para o amigo e fitou-o nos olhos.
Um silêncio se meteu entre os dois. (Se Josefina estivesse ali, naquela horinha, diria que não era o silêncio, era o rabo do cão).
- Fale, home. Desembuche! Eu não gosto de conversa de canto de cerca, não!
- Sua mulher anda metida dentro do automóvel do capitalista.
Tivessem morto ele, tivessem-no chamado de tudo, mas por nada na vida houvessem dito que Maria Amélia estava nadando com outro homem!
Na hora, teve ímpetos de amassar a cara do amigo com uma bofetada, com toda força e até mesmo de matá-lo. Mas se conteve. Outro silêncio se meteu entre eles. Antônio Pedro sentiu faltar terra sob seus pés. Se pudesse, desapareceria do mundo. Enterrava-se ali mesmo com a água do mar banhando sua cova...

8

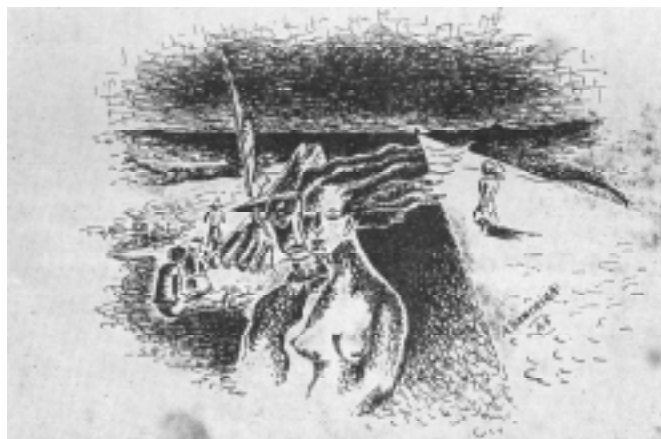
Passou a noite acordado, olhando para o teto da casa amarela, espiando o que? o demônio, a mulher, a cara do amigo, sabe lá!

E que era aquilo que ele estava sentindo dentro do corpo? Uma coisa vinha até a garganta e voltava, uma espécie de bolo, engrossando-lhe a língua. Dentro da rede, a “desgraçada” deitada, agasalhada, pensando no corpo do capitalista, nas promessas bonitas que ele faz! Desgraçada sim, Maria Amélia é outra mulher. É aquela menina nua, de corpo a pino que ele conheceu em Sobral, se banhando no rio. Ali, dentro da rede, está a miséria, a “perdi-da” que veio empanar a felicidade da outra mulher que é Maria Amélia nua, Maria Amélia peituda, Maria Amélia do seu coração.

Já pensou em se levantar e ir em cima dela com o quice e rasgar-lhe o coração, depois furar-lhe o sexo, dizer-lhe nomes feios, arrancar-lhe os braços e jogá-los para os cachorros que ladram com fome.

Não sabe o que faça. Tem vontade de fazer muita coisa. O diabo é este pensamento maldito que lhe acorre o cérebro, a imagem da mulher abraçada com outro homem, os amigos dizendo que ele não passa de um corno convencido e outras coisas.

Pensa mais cousas. Mas se cansa de pensar e adormece.



É a vez de Maria Amélia se lembrar do passado. Dos corpos nus, dos cabelos soltos, do amor brabo, sem peias...

9

De manhã, a jangada partiu. Os companheiros já sabiam da tragédia dele, mas nada disseram. Partiram também, sorridentes como sempre, cantando uma modinha que falava em amor.

O sol vinha nascendo. A cidade despertando. Os arranha-céus aparecendo.

10

São duas horas da tarde.

Maria Amélia trocou o vestido roto por um mais decente e se pintou, pôs batom nos lábios corados por natureza, abriu o decote do vestido de seda, fechou a casinha amarela e saiu.

O carro do capitalista estava parado, encostado ao meio fio, esperando por ela. A porta se abriu e ela entrou. Uma voz grossa disse para onde iam e o carro partiu com velocidade. Ninguém precisa saber para onde ela vai. O que basta, é dizer que gosta muito do capitalista, um homem muito delicado que sabe mexer com ela como quem brinca com uma boneca e já lhe prometeu uma casa parecida com a dele, no bairro chique da cidade que é "ALDEOTA".

Quando o sol for desaparecendo, ele voltará com as mãos cheias de dinheiro, o corpo quente dos prazeres que experimentou com o homem milionário, numa cama macia que parece um navio. Aquele homem não tem semelhança nenhuma com Antônio que é um pescador besta e não tem dinheiro para ela andar vestida de seda. Gosta é de um homem assim, rico, cheio de ouro, que tem automóvel e muito coisa boa.

Os homens do mar se reuniram...

Estão conversando, comentando, dizendo que Antônio Pedro não voltou. Josefina chora como criança porque sabe que perdeu o filho assim como perdeu o marido.

Há uma luz no mar. São os pescadores que foram dar uma batida e já voltam. Vêm trazendo alguma coisa.

Todos se aproximam da beira da praia.

A jangada vem rebocando outra. Em cima do pano, em letras pretas, se lê: "CORTA VENTO"

Mas o samburá está vazio. Não. O samburá não. Toda a jangada. Não tem ninguém. Antônio Pedro cumpriu um destino qualquer.

E parece que a praia está vazia também, sem ninguém, e que o mar não soluça como das outras vezes.

RUA FORMOSA, MORRO DO MOINHO,
SEM NÚMERO

1

Alguém riscou um fósforo e acendeu o candeeiro, tendo antes o cuidado de puxar o pavio com um grampo de prender cabelo. A luz vacilante alumiu a toalha da mesa, o rosto das mulheres, os vestidos das mulheres, a rede branca onde dormia o filho de Quitéria. Rosinha aproximou o rosto da chama para acender o cigarro. Depois, estirou o pescoço pela janela aberta olhando a Rua Formosa, escura que só uma chaminé velha, cheia de saliências negras, casinhas de taipa cobertas de folhas de zinco que avançam na areia mole do morro. Um vento frio, errante, úmido, vem do mar revolto que se arremessa de encontro à praia num murmúrio eterno, a princípio investindo com fúria, depois se aniquilando como as águas de uma cachoeira no fim do inverno. O cromo com a efígie de N. Senhora da Penha, oferta do vendeiro da esquina, um português malcriado que não admitia fiado, se remexe com o sopro forte do vento, deixando cair as folhinhas dos dias.

Os olhos de Rosinha pregaram-se na noite. No começo da rua os cães ladram furiosamente acuando um inimigo imaginário. Dentro da sala, as mulheres se encolhem medrosas, olhando umas pras outras, conversando a uma só voz na carestia da vida, na escassez das cousas. Sim. O

tempo não ia muito bom para ninguém. D. Santa ouvira dizer que até as “bichas” que viviam com ricaços, em palacetes de 500 e bote força, não iam passando melhor do que elas, pobres mudanças da Rua Formosa. Tudo crescera nos preços. Arroz, feijão, a banha pela hora da morte. O jeito era sofrerem resignadas, esperando que N. Senhor Jesus Cristo desse bom tempo, mandasse chuva, muita chuva... Enfim, o Ceará não seria nunca o Ceará de 25... Calam-se.

Luciana estende os olhos sobre o silêncio que reina. Enxerga a cara lisa de D. Santa em perspectiva com a luz, bocejando, alongando os olhos, mexendo com a alma forte debaixo daquele vestido de chita de dois cruzados.

Agora, as mulheres falam novamente. Os cachorros continuam latindo, fazendo frente a um novo inimigo. E os soldados do batalhão aquartelado na cidade vêm chegando. Todas correm à porta. Luciana está sem ânimo, sentada em cima de um caixão vazio, olhando as companheiras de vida, abstraidamente. Do lado de fora, se ouvem vozes de homens falando em “filhas”, “passar a noite”, “mulherzinha que eu gosto tanto”... E os vultos, como duendes fardados, de capacetes, cheirando a quartel, com percevejos entre roupas, se intrometem de porta a dentro, abraçado com Rosinha que esqueceu a noite retinta, D. Santa que não se lembra da carestia da vida e Quitéria que não sabe nem se tem um filho dormindo na rede suja.

- Vou levar o candeeiro, Luciana.

- Pode levar, Santa...

A sala se encobre na escuridão absoluta. Luciana já não tem a impressão que está dentro de quatro paredes. Sente-se perdida, vagando aos tropeções pelas ruas escuras de um mundo indefinido. O silêncio não perturba que lhe rolem pelas faces escaveiradas duas lágrimas, duas gotas de orvalho feminino.

2

- Como é que a gente chora de alegria?

A velha D. Santa, com as mãos fincadas nas ancas arredondadas, roliças, e seios quietos como passarinhos no ninho, olha Luciana, a filha mais nova, cheia de mimos, arrumar a mala de viagem.

Todos de casa ainda estavam anestesiados com a surpresa. Ninguém queria acreditar na veracidade da notícia. Mas, ali estava o telegrama com os *ff* e *rr*.

“Comadre Benta.

Tudo arranjado. Mande Luciana primeiro trem.

Abraços. Chichico”.

Até que um dia, D. Benta ia ter o orgulho de possuir uma filha estudando nos colégios de Fortaleza. Não sabia nem mesmo o que fazer. Ora, se ajoelhava em frente do oratório apinhado de santos, ora olhava a filha entretida em arrumar as peças íntimas e outras cousas, um vestido de xadrez, estampado, pente, loção, fotografias das festas do Grupo...

“Seu” Cazuzza já tinha corrido à estação para saber se o trem vinha de fato na hora. E foi contando tudo, o convite do padrinho da moça, o telegrama, e que Luciana ia estudar em na capital. Em Fortaleza...

Num minuto, a casa estava cheia de amigos. Alguns pediam que ela escrevesse sempre contando as novidades da política, já se vê. Eram os simpatizantes da Prefeitura, da promotoria... E no quarto, na sala ou até no corredor se elogiava a atitude simpática do Cel. Chichico, marreta violento, homem rico e prestigiado pelo governo, que não esquecera a sobrinha e afilhada, a ponto de mandar buscá-la para Fortaleza. Isso afinal de contas, já era uma grande cousa.

- É muita sorte.
- Vai fazer figurão...
- Ora, nem se discute!
- Ipu vai perder um braço forte.

D. Benta conversa com o vigário que saudoso relembra os favores que Luciana lhe prestara por ocasião das últimas festas em benefício da construção da nova igreja.

- Menina inteligente. Inventou aquela história de partidos...

- É verdade, “seu” vigário. E o “vermelho” apesar de sua proteção foi quem ganhou.

- Também” O sr. delegado deu muito dinheiro...

E a boa senhora parece avistar a filha com o vestido encarnado, gritando na avenida, cantando o hino do partido, um arranjo da professora do Grupo no compasso de uma música carnavalesca, bem saltitante. Ipu, não resta dúvida, ia ficar bastante desanimado. Zérimundo não levará mais o violão choroso pelas ruas enlustradas, cantando as modinhas de amor. Nem Pedrinho tocará sanfona nos piqueniques do Gangão...

Luciana acabou de aprontar a mala. Não esqueceu nada. O resto do enxoval será feito em Fortaleza, por uma modista da tia. Pronto. E é cuidar de trocar o vestido roto, se despedir do pessoal, abraçar o vigário...

“Seu” Cazuzza está impaciente. D. Benta sente vontade de chorar e se contém. É melhor deixar o choro para a estação.

3

Logo na entrada da reta, o maquinista deu dois apitos, pedindo freio. E a locomotiva soltando fumaça, despejando água quente, foi parando aos poucos até se imobilizar por completo, num choque rápido. “Seu” Cazuzza

abraçou-se com Luciana, dizendo palavras soltas, segurando as mãos da moça como se aquele momento fosse o último em que se viam. D. Benta, inconsolável, estava sentada entre duas professorinhas que em vão procuravam consolá-la, pintando a partida com um colorido poético, muito natural, comentando uma cidade mais adiantada cheia de bondes, automóveis, cinema falado, tão diferente de Ipu que mais parecia um cemitério abandonado. As coleguinhas do curso de admissão faziam roda em torno da viajante, augurando-lhe boa viagem, feliz proveito. Ainda com os olhos vermelhos, acercou-se o vigário e num longo abraço foi dizendo à meia-voz que se ela precisasse de alguma coisa era só pegar da pena e escrever. Pronto. Estria tudo resolvido. Tinha ótimas amizades, muita influência na política...

Luciana, com os lábios trêmulos estende o braço para um, os olhos para outro, nadando em lágrimas, confusa, falando em escrever muita novidade, prometendo um figurino parisiense para Zuleica, um par de sapato novo, da moda, num entrançado de abraços, beijos, “feliz viagem”, “lembre-se de mim”, “lembranças a sicrano”, “diga a não sei quem que eu vou breve”, “estou gostando de Ipu” e outras cousas.

No interior do carro, apareceu à janela enquanto segurava a mão de D. Benta e beijava os cabelos brancos do “papaizinho querido”, e até outra vista, hei de voltar professora, com um anel no dedo, tenham fé, adeus, adeus.

O agente da estação tange a sineta num toque metálico que despedaça o coração de D. Benta. Segue-se um apito estridente, um ruído de engates em plena distensão dos músculos de aço, e as rodas poeirentas começam a deslizar, suavemente, sobre os trilhos.

“Seu” Cazuzza, por duas ou mais vezes disse uma blasfêmia e ficou balbuciando o nome da filha. Luciana... Luciana... Luciana....

E Luciana com um lenço bege na mão trêmula, acena com vivacidade, até sentir dentro do peito qualquer coisa crescendo na razão inversa da estaçõzinha que desaparece na curva violenta da estrada.

Aí, sentou-se. Passou o lenço nos olhos angustiados e foi pensando, avançando os passos para a bela cidade do sol. Tio Chichico bem que prometera com aquele ar de gente boa, barrigudo, cheirando a extrato com cerveja preta da Antártica, mastigando no canto da boca a ponta do charuto Dom Carlos.

- Eu vou levá-la para um colégio na capital, menina. Vou mesmo...

Na certa, estaria Filomena, doce Filomena, metida num vestido de etamine, ajeitando os óculos, de quando em quando, com a ponta do dedo, assim, assim, e dizendo para Maria do Carmo que são três à mesa.

Filomena é a irmã mais velha da família, conselheira de todas, querida pelos parentes, e, como se diz, do peito.

Quando havia abertura em casa, corria-se ao correio e lá seguia um telegrama pedindo dinheiro emprestado, contando as desgraças da hora, e era tiro e queda. Podia aguardar um cédula do Bonifácio...

Uma nuvem de poeira invade o carro. A velhota que viaja tossindo o tempo todo levantou-se e veio pedir por obséquio que Luciana fechasse a janela. Luciana ergue-se para descer a vidraça, mas não pode. Faz um gesto de desânimo para a velhota que lhe sorri uns dentes brancos, bem sumidinhos.

Pelo espaço aberto da portinhola aparece a caatinga fugindo com algumas reses por entre os postes da linha telegráfica.

- Que poeira horrível, não é? eu notei que a senhori-ta quis fechar a janela e não conseguiu, não foi? Acredito que posso ser útil... Com licença.

Antes que Luciana possa dizer uma palavra qualquer, já sente as pernas do desconhecido roçarem nas suas e com destreza baixar o vidro.

- Assim é melhor, não é? A senhorita vai me desculpar, não? Sei que fui intrometido... Pois é, somos sempre assim...

Fez uma pausa e ajuntou, com os olhos cravados no rosto de Luciana:

- ... sou Fernando Sales, mas para você serei Fernando...

Outra pausa maior.

- Vai para Fortaleza, não vai? Ainda bem... Temos tempo bastante para conversarmos.

Luciana ainda não encontrou uma palavra para dizer. Prefere calar-se, num mudo consentimento.

4

Foi assim que Fernando entrou na vida de Luciana.

5

No dia cinco de janeiro, Luciana inteirou tempo e nem se lembrou que existia uma cidadezinha perdida no norte do Estado com a legenda de Ipu, uma estaçãozinha que se ficou para trás, há cinco anos, com alguns vultos acenando lenços, desfolhando lágrimas, eternizando saudades...

Luciana de moça simples do sertão, causticada pelo sol em brasa, que costumava se lavar nas águas do Gangão, desapareceu dentro do tempo. Existia agora uma outra mulher de sobrancelhas bem cuidadas, com riscos pretos, lábios de ciclame e vestidos de seda nivelando os seios firmes.

No dia dez, Luciana diante da penteadeira de seu quarto, dava os últimos retoques no rosto empoado. Da sala de jantar, vinho o ruído de pratos e talhares que Maria do Carmo dispunha em cima da mesa, falando no preço exorbitante do macarrão.

Fora, fazia uma tarde bonita, sob um céu rasgado, de nuvens errantes. Um colegial namorava uma normalista em um dos bancos do jardim público, olhando os carros que iam e vinham no movimento febril das seis horas.

Luciana esteve por instantes à janela e desceu a escada, segurando o corrimão, para aguardar o jantar.

Não sabia bem o que ia acontecer. Tio Chichico podia dizer brutalidade a Fernando. Tia Filomena não iria ficar muito satisfeita com a história. Mas o que havia de fazer? O amor é assim mesmo... Vem num fechar de janela, num olhar, num grito de dor, de renúncia...

Ela trazia ainda no cérebro suas últimas palavras: “Luciana, hoje eu resolvo nossa vida. Tenho dinheiro bastante para podermos viver. Vou pedir-te em casamento...”

De início, Luciana odiou Fernando, terrivelmente. Chegou até a reclamar que “não precisava de rabo-de-saia”. Mas ele continuou seguindo-a por toda parte. Se ia à festa do clube, lá estava Fernando com uns olhos buliçosos procurando seu corpo. No bonde, então a coisa tomava um caráter mais sério. O cavaleiro do último banco sempre pagava a passagem. E foi se acostumando, a perseguição aumentando. Um dia...

- Luciana, por que você foge de mim eim? diga?

- Eu... Eu... não fujo de você...

- Pois, se não foge de mim, Luciana, por que você não corresponde à minha amizade?

Não tardou que tia Filomena soubesse do namoro. Muito contrariada contou tudo que sabia ao marido. Houve sermão de lágrimas e conselhos por quase uma hora. Luciana de pé, vermelha como um camarão no fogo, com

os olhos se queimando de raiva ou amor, tio Chichico falando, dizendo o que bem entendia, assim, vira e mexe, pronto. Filomena, limitava-se em dizer “é muito cedo, menina, eu com a sua idade ainda brincava de bonecas com as filhas do Silvino...”

E os dias foram correndo sem alteração, carta pra lá, carta pra cá, e o tempo se amontoando em um ano, dois, três e cinco. Entre Luciana e Fernando crescia o amor.

O relógio da parede, mais que nunca parece um velho setentão, sem forças para trabalhar. Um ponteiro vai peseguindo o ouro, vagarosamente.

“Pelas sete horas, estarei em tua casa...”

Luciana estremece com frio.

– Chi, como a senhora está linda!

Faz um ar de riso para Maria do Carmo que corta o pão em fatias.

O tic-tac do relógio parece anunciar:

– É hoje, é hoje...

6

– Não!

Chichico levantou-se da cadeira de molas como um autômato.

– Isso não! Até tinha o que se ver... Trazer a moça do sertão, educá-la para qualquer sujeitinho chegar e zás... carregá-la! Não e não!

Fernando passou a mão pela testa larga e levantou-se com um riso amargo preso aos lábios.

– Veja o que faz, coronel... Ao amor nada se impõe.

Ponderou, serenamente.

– Não me fale em amor, ser. Fernando! Amor, amor, fuxiquinho de romance barato... O que há nesta história é um grande interesse. O senhor pensa que Luciana é rica,

é nossa filha... Engana-se, está redondamente enganado. Luciana é u'a moça pobre, filha de pais humildes... Está satisfeito?

- Estou coronel... Se Luciana fora sua filha talvez eu não a amasse tanto.

- Retire-se!

- Obrigado.

A porta se abriu devagar.

7

O coração de Luciana também se abriu. E Fernando passou, tragando-a com seus olhos buliçosos, e foi andando num passo firme até alcançar a porta da rua.

D. Filomena ficou reconstituindo a cena, a seu modo, com insultos, bofetões e escândalos...

8

No dia 12, Luciana foi ao cinema e errou o caminho da bilheteria.

Fugiu com Fernando para bem longe. No dia 14, vieram os soldados e levaram os olhos buliçosos para um dos apartamentos da primeira delegacia.

O delegado de plantão, um homem bigodudo e asqueroso recebeu Fernando com um ar de troça e crueldade escapulindo-se pela boca viscosa.

- Então, o senhor achou por bem raptar a moça alheia? E logo de quem, e logo de quem... A sobrinha do cel. Chichico!

Fernando, com os olhos em fogo, os braços trêmulos, ficou mirando o vulto obeso do tipo com uma vontade deste tamanho de dizer que "vocês barrigudos, pançudos pela cerveja preta, comem na mesma tijela..."

- O senhor sabe que presente vai ganhar? um presente de núpcias.

Virando-se para o plantão.

- Diga ao Paulinho que não tenha pena dele. É pior que mulher ruim... Pneu no couro dele... sem dó, nem piedade...

Dois braços fortes o apertaram com força. Foi empurrado para um quarto escuro, frio e fétido.

9

E ecoou pelas paredes o ruído cadenciado, depois desordenado do cacete ferindo, martelando o corpo de Fernando....

1 0

Num dia qualquer em que as estrelas já principiavam a despontar, Fernando desapareceu do seio da terra.

1 1

O primeiro desejo de Luciana foi fugir de Fortaleza, voltar para casa e contar para o “papazinho querido” que estava sofrendo muito, muito.

Mas, dentro de si, sentia uma tempestade sem fim se debatendo com sua alma. Não voltaria para Ipu. Não poderia voltar ao convívio dos seus. Faltava dinheiro para se transportar, faltava coragem de chegar sem o anel de professora... Isso não! Preferia esquecer todo mundo, morrer para os vivos, ia ficar em Fortaleza... Sabe lá, de todo jeito se vive. Havia de viver.

1 2

Luciana se encolhe toda, sentindo o frio penetrante que vem do mar.

Dos quartos em penumbra, ela ouve D. Santa beijar o cabo da patrulha numa fúria sensual, Rosinha falar num vestido de chita, enfeitado de laços azuis, Quitéria chamando o 138 de “meu único amor!”

Os cachorros continuam latindo na Rua Formosa. Alguém vem se aproximando. Alguém vem pisando na areia. Luciana tem certeza que é Fernando que vai passar com seus olhos buliçosos.

E chora duas lágrimas, mais duas gotas de orvalho.

A DIVISÃO DAS NOITES

1

O mar pinota em cima da areia, esbofeteia o Paredão como um demônio briguento. As barcaças inquietas se remexem no dorso das águas, e as ondas rolam, formando dois enormes braços, fechando um círculo até à praia onde se chocam num barulho esfrangalhado.

Há luzes perdidas mas pregadas no ar. É a Cadeia Pública, a Santa Casa de Misericórdia, a Estação Central assinalando o busto da cidade. A luz lá no Alto é mais clara. Aqui, embaixo, serpenteando a praia, galgando o morro, o beco, se estendendo na Rua Formosa, ela é mortiça, quase sem brilho, indecisa.

Os soldados se espalham pelos becos, se metem nos botequins, tomando pinga, se agarrando com as mulheres da Vila Formosa.

O vento é solto e desaforado.

Carrega o gosto do mar, agita os coqueiros, escravos da terra, desterra pragas e nomes feios para os navios. Para a cidade, nunca! A cidade tem a cabeça erguida, os olhos voltados, fitos nos arranha-céus, nos grandes clubes, nos cinemas de luxo. Por isso as luzes são diferentes, e tudo parece que é diferente...



2

D. Totinha passou o dia chorando, enxugando lágrimas mornas, sentidas, num lenço branco que de vez em quando é guardado no seio. Os dois filhos não entendem suas lágrimas, não sabem porque os olhos de D. Totinha choram, choram. No entanto, a empregada trocou-lhes a roupa suja do dia, por outra mais nova, e foi com eles para a calçada, espiar o movimento da tarde.

A Coluna da Hora lembra aos passantes que são cinco horas. Os meninos perguntam a Maria, (Maria é como atende a criadinha de D. Totinha) se o papai vem também para casa como o “seu” Januário do lado, que sempre chega àquela hora com os braços cheios de embrulhos e pelo cheiro é pão quente da tarde, bom como diabo!

Maria não vai mentir. Não, meninos, Dr. Andrade não virá. Tem seus compromissos. Se ela pudesse diria aos meninos quais os compromissos do Dr. Andrade... O pai de vocês vive com outra mulher que não é a mãe de vocês... O pai de vocês não presta!

Mas os meninos não entenderão. São tolos, inocentes como criancinhas de braços. Não sabem os mistérios da vida. As curvas da estrada... nem as palavras da empregadinha quando se topa com as amigas:

- “Seu” doutor é toradinho por mim... Eu é que num quero grude com gente rica...

3

Seis horas mais tarde. Pelo ar, anda o ruído dos sinos, ainda o eco das pancadas que a Coluna da Hora desferiu na Praça do Ferreira.

E a noite cai sobre a cidade. Mas não se desprende do alto como quem cai de uma árvore. Não. Divide-se em

diversas noites. E para cada casa do morro e da cidade, toca uma noite...

4

- Ele disse que vem, virá...

Madalena vem para a porta da casa do Arraial Moura Brasil.

Com os pontos nos *ii*, ela não gosta muito dali. Não vai com a vizinhança que é a pior possível. De um lado, é a Rua Formosa, a Vila, último reduto da mulher dama que se satisfaz com estranhos e soldados, vagabundos e ladrões. Mas, para não dar na vista do povo, tinha que morar ali, tinha que ser assim... Dr. Andrade era muito conceituado. Precisava passar por bom. E mesmo, não ficava bem que a sociedade soubesse que ele abandona a mulher por um madeirão que conheceu não faz um mês.

Ele é caidinho por ela. Arreada deveras. E ela não é tola. Vai pedir quanto antes um automóvel.

Deita os olhos sobre as mulheres da Vila.

- Coitadas!

5

- Ele disse que vem, virá!

D. Totinha desabafa suas queixas com a empregadinha. Isto não é cousa que o marido fizesse... Sem dormir com ela, chegando em casa já de madrugada... um escândalo! Até onde isso ia parar, eim? até onde? Mas, a vida é assim mesmo...

Assim mesmo, é menos verdade. A dela por exemplo, (pensa Maria), é muito diferente. Trata dos meninos, leva-os ao Passeio Público, deita-os, cantando qualquer coisa

alegre e vai namorar o sargento da guarda, o Dandão, um homem às direitas, honesto como ele mesmo...

- Ele disse que vem, virá!

Os meninos já dormem. Estão quietos. D. Totinha tem a barriga por acolá.

6

- Tá preso!

O guarda tivera sorte naquela noite. Sorte pra burro. Fazia dias que não justificava sua vigilância com uma prisão de gatunos ou desordeiros. Mas, há dias para tudo. Ruins e bons.

O ladrão é um pobre diabo. Sabe que não adianta se mexer. Porque se bole, é capaz do desgraçado atirar nele. É melhor esperar sua sorte nos corredores da segunda delegacia, numa noite que vai ser infernal. A borracha cantará em seus couros uma, duas, trinta vezes. Mas não importa. Faz questão de apanhar e ser solto no outro dia, depois de fazer a faxina.

- Se entregue!

O coitado está entregue de corpo e alma.

O guarda ri. Foi feliz, muito feliz. Que noite maravilhosa!

7

Dr. Andrade esteve jogando com os amigos até meia-noite.

Depois, se despediu e falou que ia para casa. Mas não foi, Madalena que diga, pois ficou satisfeita, muito alegre, se rindo toda quando ele chegou e disse que a noite era dela. Falaram num bocado de novidades e Madalena levou-o para o quarto.

Pediu o automóvel.

– Não, amor, custa muito dinheiro. Pedisse outra coisa.

Duas horas da madrugada.

Pediu outra vez.

– Bem, querida, vou olhar o que posso fazer.

Cinco horas.

– Pode tirar o automóvel na agência...

E dormem no frio da madrugada como dois anjos indecentes.

8

Maria está agarrada com o sargento da guarda, ela por baixo ele por cima. Precisam aproveitar o restinho da noite, o escuro que cai naquele muro. Depois, se levantam e riem. As mãos sujas, a roupa amarrotada.

São felizes, felizes como todo.

9

Sobre a cama de D. Totinha se deitou o satanás. E ela tem vontade, uma vontade absurda de matar o marido, estrangular os meninos. Mas o anjo da guarda afugentou o satanás. Não adianta pensar em cousas tristes. Está a 18 de outubro de 1930 e a noite que tocou para sua casa é tal e qual a noite do ladrão...

Fecha os olhos. Os meninos dormem também.

Maria vem entrando pela porta dos fundos com o corpo morno de prazeres. Dr. Andrade vem chegando.

O ladrão apanhou e dormiu sonhando com as estrelas.

O dia surge. Os carros aparecem. A sirene da fábrica apita.

Que noites cairão sobre a terra no dia de hoje?

UMA VIDA ENTRE DOIS DIÁRIOS

1

Bem em cima da primeira página havia um reclame do sabão “Pavão”.

Era uma lavadeira retinta lavando roupa com um sabão que, como diziam as letras, não cortava as mãos e dava cor aos vestidos desbotados. “U’a mão lava a outra com perfeição, e as duas lavam roupa com sabão Pavão”. Produto de combate. Oitocentos réis.

Mais abaixo:

Última novidade no gênero

O diário de Cândida foi feito assim, em boletim de propaganda.

22 de janeiro de 1930

“Nosso circo é pobre, só agora foi que eu vi. Não tem nem semelhança com aquele que nós encontramos armado na Praça dos Voluntários. Havia feras, palhaços cheios de risos e não girava em sua volta a vida que nos persegue a nós. Gostei muito de Fortaleza. Vi cartazes afixados nas paredes. “O CIRCO MUNDIAL TEM 50 ARTISTAS! UM SUCESSO!” Um menino maltrapilho andava soltando a nossa propaganda, uns impressos sem vida que iam ficando

nas sarjetas, abandonados. Um homem ia e vinha pelas ruas da cidade puxando um enorme elefante. Confesso que gostei desse animal e fiquei pensando como ele não sofreria se fizesse parte do Circo Yara...

O nosso empresário nos falou de uma péssima noite de estréia. Tive vontade de chorar, pois tenho muita pena de Salvador. Salvador é um gigante, um homem que é, como se diz – um pedaço! – e até mesmo um grande artista. Gosto de vê-lo trabalhando e, se o circo não adianta idéia, é por falta de... sei lá! a gente quando se descuida diz tolices. São sete horas. Não sei o que faremos em Fortaleza. Ouvi dizer que o circo Mundial foi um verdadeiro espetáculo de arte. Muita gente. Palmas e vivas. Aqui, neste fim de linha do Alagadiço, a nossa sorte é bem outra. Meu pai já me dizia que as cousas na vida têm verso e reverso. Tenho fé em Sta. Terezinha.

23 de janeiro

Ontem, eu quis escrever algumas bobagens, porém, o sono não me deu tréguas. Sono não, minto. Foi meu destino que passou a noite me olhando, martirizando-me, sem me deixar pregar olhos. Salvador falou que dessa vez o circo emborca. O espetáculo rendeu apenas 300\$000. Não deu nem para as despesas. O palhaço que é Israel (no picadeiro ele se chama V-8 e faz graça para o povo rir, bater palmas, jogar flores...) esteve em minha barraca chorando, dizendo que se sentia cada vez pior e que não deixava a Companhia porque não podia esquecer os amigos.

Quero fazer uma observação: somos todos bons camaradas. Compartilhamos das mesmas aperturas, como se a infelicidade fora um lugar comum para nós.

Continuando. Confesso que chorei também e enxuguei as lágrimas de Israel na ponta de minha combinação.

E ontem, eu acho que todo mundo chorou. E hoje, se não houver uma boa casa, como diz Salvador, estamos desgraçados. Salvador passa o dia reclamando a sorte:

- A viagem do interior nos arrastou para um abismo...

Eu procuro descobrir o abismo para poder salvar meus companheiros, mas não acho nada. Estou cega também como eles.

Folheio meu diário e releio algumas páginas atrasadas...

5 de janeiro

Israel passou o dia em Aracoiaba, pra e pra cá, acompanhado pela meninada, muito menino mesmo, nas testas dos quais ele ia fazendo um risco preto de carvão. À noite, os meninos entrarão de graça. Mas, em troca disso, têm que cantar as modinhas que Israel teve a paciência de ensinar-lhes. Eu acho muito pau estas cantigas mas não sei porque, hoje, fiquei ouvindo-as.

Hoje, tem espetáculo?

A voz de Israel, de Israel não, de V-8... Israel está dentro da máscara. Os meninos respondem:

Tem, sim senhor!

Tem homem enterrado vivo?

Tem, sim senhor!

Tem mulher no trapézio?

Tem, sim senhor!

E o palhaço o que é, meninada?

É ladrão de muié...

Depois, V-8 pára em frente de uma casa de família, reúne os moleques e canta assim:

*Chega, chega pessoal,
a Companhia é de fora...
segunda-feira que vem
o palhaço vai embora...*

Quando Israel voltou da rua, me disse que tinha cus-
pido sangue. Na hora, fiquei com nojo e com certo receio.
(Deus me livre que Israel vejo o meu diário...) Mas depois,
comecei a chorar com ele. Foi a primeira vez que vi um
palhaço chorar...

10 de janeiro

Salvador me procurou e disse que as cousas não
iam bem.

- Desta forma eu emborco...

Estivemos conversando até três horas da madruga-
da. La fora, sei bem que os cães ladravam furiosamente.
Eu tive a impressão que era o meu destino mau que vinha
se aproximando.

11 de janeiro

Ficou resolvido que vamos embora para Fortaleza. Pelo
caminho, iremos fazendo as cidadezinhas para ganhar o
sustento. (Às vezes, fico imaginando. Quando eu era pe-
quena, pensava que os artista de circo não tinham triste-
zas... viviam sempre de bom humor, rindo, gargalhando...)

Fortaleza, me disse Israel que lá já estive, é uma ci-
dade muito bonita, mimosa, cheia de arranha-céus, onde
os ricos possuem automóveis de luxo e os pobres, como a
gente, andam de bonde, por um tostão somente. Ajuntou,
que lá nós vamos fazer muito dinheiro.

Preciso acrescentar aqui que Israel continua doente, se queixando da vida.

Salvador também se queixa, diz que está arruinado. Como eu tenho pena deles dois!

15 de janeiro

Estamos seguindo para Fortaleza. Estou ansiosa para chegar, não porque queira conhecê-la, mas porque eu quero ver se podemos ganhar dinheiro bastante para salvar Israel.

Demos quatro espetáculos. Um em Pacatuba, outro em Maracanaú e dois em Mondubim. Renderam alguma coisa. Da parte que me tocou comprei um vidro de xarope para Israel. Um médico me disse que ele precisava se tratar quanto antes. E finalizou:

- Está enfraquecido...

Por que o destino mau não me persegue só a mim?

18 de janeiro

Estamos chegando a Fortaleza. De longe de cima do caminhão, já avisto as primeiras luzes.

Tenho certeza de que o destino mau não está comigo... Quem sabe?

25 de janeiro

Não quero mais ler o que escrevi. Israel, hoje, não poderá trabalhar. Deu para tossir que é uma coisa horrível. Bem cedo, me disse com uma voz cansada:

- Cândida, eu acho que desta vez não escapo. Se ao menos aparecesse dinheiro... Coitado, não me falou mais com aquela que se fazia ouvir no picadeiro.

- V-8, quantos anos você tem?
 - Trinta e dois... E você?
 - Vinte e nove...
 - Fora trinta que mamou na mãe...
- Salvador ameaçava-o e Israel, Israel não, V-8, dizia:
- ... dele!

Apontava um negro velho que se sentava no galinheiro. Aí o povo ria, tecia comentários, dizia que o palhaço era cotuba no duro. Sem nenhum favor, Israel é o melhor palhaço do Brasil porque esconde a sua própria dor aos olhos da platéia...

28 de janeiro

Faltou-me força para escrever nestes dois dias. Ontem, não houve função. Chicão trouxe uma tabuleta já batida pelo vento e desbotada pelo sol e colocou-a na entrada do circo.

NÃO TEM ESPETÁCULO HOJE AMANHÃ, TEM COM O ALOPRADO PALHAÇO V-8!

Israel continua muito doente, e o circo é o palhaço V-8. O povo vai ao circo quando o palhaço trabalha... O povo gosta de rir, o povo é ruim... Se V-8 saísse, amanhã, pedindo esmolas, ninguém atenderia ao apelo de Israel. V-8 é o ídolo da multidão quando serve à multidão... Tenho vontade de chorar e acabo chorando. Esta página vai sair borrada.

29 de janeiro

Israel deixou de tossir. Não sei porque. Não sei a quem deva agradecer. Por isso, Chicão trocou a tabuleta por outra mais vistosa.

HOJE! 7 E MEIA - HOJE!
GRANDE FUNÇÃO!
CÂNDIDA MARIA FARÁ O VÔO DA MORTE.
FENOMENAL! DINÂMICO!
O ALOPRADO PALHAÇO V-8 ESTARÁ PRESENTE.

NÃO PERCAM! NÃO PERCAM!

ENTRADA ÚNICA - 1\$000

NOTA: NÃO VELE PASSE DE BONDE

Quando se acabou o espetáculo, Israel vomitou sangue. Não posso mais esperar. Tenho que ir trabalhar por fora, arranjar dinheiro e salvar Israel... Israel precisa ir para um sanatório. Vou fazer o possível...

Será que o meu destino mau me perseguirá?



... e enxuguei as lágrimas de Israel na ponta de minha combinação...

DIÁRIO DE UM RAPAZ RICO

1

Na primeira página, há umas letras douradas com o nome dele.

O papel é bom. Linho superior. Boa qualidade.

A mão que escreve é fina e delicada. A sala onde a mão escreve é espaçosa e tem um perfume ativo, persistente.

Do lado de fora da sala está uma rua bonita. Passa um bonde. Na placa vai um nome.

ALDEOTA

Uma senhora estranha diz que o bairro é lindo. É um bairro aristocrático.

22 de janeiro de 1930

Chegaram dois circos a Fortaleza. Um deles é uma companhia mambembe, cousa mesmo do interior. O outro, é um circo grande, enorme, que já percorreu toda a Europa e trouxe muitas feras. Tenho andado muito paulificado com umas histórias que apareceram comigo. Preciso visitar outros bairros, tomar novos ares. Maria José se mudou. Dizem que está morando no fim da linha. Vou aparecer por lá.

23 de janeiro

Como as cousas são engraçadas, às vezes! Hoje, fui ver Maria José e não se porque entrei no circo que chegou

do interior. Parece que já me lembro. Entrei para passar a chuva. O engraçado está aqui. Encontrei nesse circo u'a mulher verdadeiramente notável. Bonitos seios. Aqui, faço questão de elogiá-los. São bem arredondados e levemente pontudos. Gostei muito da mulher. Parece ser muito boa (é noutro sentido que eu quero dizer).

Tenho certeza que voltarei ao "Circo Yara" e desta vez arranjarei alguma cousa.

Nota: Chama-se Cândida Maria.

24 de janeiro

Fui ao circo novamente. Lá se paga muito barato, uma ninharia e os homens trabalham muito. Acho que nem compensa. Cândida Maria não notou minha presença. Veio para o meio do picadeiro, fez duas ou três acrobacias perigosas... (teve uma hora que quase vi os seios dela de fora...) e desapareceu. Houve palmas. Poucas, é verdade, porque não tinha muita gente.

Cândida Maria, Cândida Maria, meu amor, meu amor, meu amor...

29 de janeiro

(Até as pedras se encontram...)

Eu vinha pela rua Floriano Peixoto quando me deparei com aquela mulher. Bonita, naturalmente, pois logo me chamou atenção. Olhei bem. Era Cândida Maria, a moça do circo... Perguntei como ia o circo, ela sorriu e disse que ia tudo ruim. Israel estava doente, muito doente... (fiquei sem saber quem é esse tal de Israel).

Abri a carteira e lhe dei cinqüenta mil réis. Ela sorriu outra vez e agradeceu comovida. Convidei-a para passear comigo. Prometeu. Vou aguardar.

Cândida Maria, Cândida Maria, meu amor, meu grande amor!

1^o de fevereiro

Hoje, foi um dia cheio. Talvez um dos maiores de minha vida. Fico até com medo de escrever algumas verdades... E para que ninguém leia meu diário, doravante tranca-lo-ei em minha gaveta. (Há certas cousas na vida que a gente se envergonha de fazê-las).

Nesta data, Cândida Maria foi a mosca que irrefletidamente caiu em minha teia. Não quero dizer que sou de fato um homem mau. Em absoluto. De início, confesso que pensei desistir de meus intentos falsos. Mas, os olhos dela, o corpo dela, se alinhavam dentro de mim num desejo crescente. A lua cheia inunda o infinito de luz. O amor de u'a mulher é assim como a lua cheia... Só uma cousa lamento, agora que tudo aconteceu: a condição de classe. Ela, pobre artista de circo, fazendo de tudo para salvar um pobre Israel. Eu, filho de gente rica, perdulário e pérfido. Amanhã, voltarei para os braços de Cândida Maria. Ouvirei novamente suas histórias de circo. A cantiga do palhaço V-8, os ataques de cólera de Salvador e tanta cousa de tais. Mas temo. Temo não encontrar em Cândida Maria o motivo silencioso que me atraía. E se isso acontecer será uma grande decepção. Preciso afugentar para longe meus pensamentos. Fazer uma pausa. Quero arrepende-me. Desejo ao mesmo tempo encontrá-la outra vez. Dúvida? Remorsos? Sei lá! Cândida Maria foi uma rosa em minha vida. Uma rosa que eu jamais esquecerei.

Israel descobriu tudo. Tossiu muito. Obrigou Salvador a despachá-la. Aquilo era uma imoralidade! Era querer abusar da moral dos atores.

Cândida Maria lançou fogo ao seu diário. “SABÃO PAVÃO”. Oitocentos réis... “ÚLTIMA PALAVRA NO GÊNERO!”

E as chamas devorando o papel descolorido, até o fim, até àquela última frase:

- Meu destino mau me persegue!

O URUBU DE PEDRO MALAZARTE

1

Zépequeno estirou os olhos cheios de lágrimas para o caixão preto que os homens iam levando, cabisbaixos, dizendo palavras de saudade, comentando uma cousa horrível, espantosa, que ele não compreendia.

Pela primeira vez, sentiu que alguém se separava dele para sempre. E como maltrata a alma uma separação assim, ouvindo o médico falar “um último momento”, “sua alma vai descansar em paz”, abanando a cabeça como se estivesse sentindo umas dores, pontadas mesmo dentro do peito...

Finalmente, sentir aquelas mãos segurando o esquife, carregando a amizade da gente para um buraco escuro... Depois, um monte de terra, de areia preta de cemitério, cheirando a defunto, chegado nesse instante. Os homens, mais tarde, colocando uma cruz pintada de alcatrão para agüentar, de cabo a rabo, um inverno pesado, com algumas palavras que lembrem aos passantes que ali desapareceu para sempre, depois de partir Zépequeno, de ser mulher de soldado, de ser viúva trabalhadora e honesta, sem mancha na fé de ofício, a mulata Maria do Carmo.

Zépequeno não podia compreender o que estava passando.

No entanto, neste dois de fevereiro, com promessas de chuva e festas do arraial, ele era órfão, bucho crescido, comento barro, num vício danado. Sabia apenas que no

caixão, (era até preciso com as locomotivas que corriam nos trilhos. Se o caixão tivesse um número assim... 304... 111... 420... seria mesmo u'a máquina zuadenta do diabo, apitando, apitando...) ia a mulher que remendava suas roupas, às vezes contava histórias de um Pedro Malazarte, um homem agoniado como todo, que fazia o diabo a quatro, mas não comia barro como ele, lambendo os beiços.

Quem diria que Maria de Carmo, u'a mulher transbordando de quanta vida, criada ali, ruas de altos e baixos, frio de todos os seiscentos diabos, carregando água em latas a três por cem réis que nem o burro "Sabiá" de "seu" Janoca, caísse na fraqueza, pegasse a tossir, escarrar sangue, perder a noção das cousas....

Bem que D. Chaguinha dizia, com ares de dona entendida:

- Vai morrer, vai morrer... Brevemente, Zépequeno não terá mãe.

E Maria do Carmo abria os dentes num riso farto, limpava o suor no rosto enrugado:

- Tolice, D. Chaguinha, desgraça pouca é tiquim... Magine a senhora que eu como o corpo agitado, tomo banho e chupo doce gelado, assim "seu" Janoca me arranje dinheiro...

Risonha.

- E é porque as cousas vão que só canto da pirua: pió, pió...

Maria do Carmo, agora ia dizer para as outras almas que carregaram latas d'água pelo morro, que fizeram travessuras e foram mulher de soldado, que deixou um filho pançudo de comer vício.

Nunca mais, ela virá pela rua da Tijubana cantando assim:

Ói o coco, peneiro-êê

Ói o coco, peneiro-áá

Nuca mais...
A voz perdida anda no vento, melodiosa, feliz...

*Vou mimbora, vou mimbora
Maneiro-pau, maneiro-pau!
Segunda-feira que vem,
Maneiro-pau, maneiro-pau!
Quem não me conhece chora,
Maneiro-pau, maneiro-pau,
Que fará quem me quer bem?
Maneiro-pau, maneiro-pau!"*

Zépequeno não ouvirá jamais as histórias de Pedro Malazarte, nem sentirá nos cabelos as mãos sedosas da mulher que partiu no trem sem número.

As mulheres dentro da casa se abraçam comovidas e Zépequeno ouve palavras pingando a esmo como círios sacudidos pelo vento da praia.

Há um aroma de gente morta envolvendo o sentimento dos que conheceram Maria do Carmo. Há meninos dizendo nomes feios, cercando a casinha de taipa que dá janelas para o mar e porta da frente para o caminho de ferro.

O enterro é enterro de gente pobre. Em lugar do livro de visitas tem um pote no canto da sala onde, de quando em quando, os amigos da morta vão molhar o bico, refrescar a garganta, enquanto outros preferem matar-o-bicho no vendeiro da esquina, que em sinal de pesar fechou uma das portas.

D. Chaguinha é a trigésima vez que narra as imprudências da finada, e acaba sempre dizendo que ela tinha corpo pra viver mais tempo, deitando duas lágrimas compadecidas pelo canto dos olhos, que espreitam se "seu" Janoca está mesmo chorando ou se D. Margarida está namorando com o condutor do bonde Alagadiço, um viúvo que é novato na rua.

Um empregado da Estrada, envolvido num capote cinzento, se descobre à passagem do féretro.

- Morte matada?
- Mote morrida...

E D. Chaguinha já explica que “morreu com a doença do peito, tossindo e escarrando sangue...”

2

Se o relógio do vendeiro não está atrasado, são oito horas em ponto de um domingo sem sol. Céu nublado, prometendo, prometendo...

- Chove já.

3

- E Zépequeno? que será feito do menino?

Depois de se ter feito tanto cousa, de se tirar licença pro enterro, de se comprar o terreno do cemitério, Chaguinha se lembrou de Zépequeno.

- Quem ficará com o menino?

Ela, está bem claro, não pode ficar com a responsabilidade dos filhos dos outros... Tem onze curumins crescidos e mais um na barriga, se mexendo, se mexendo, prometendo vir ao mundo por todo um mês...

Não pode, é humanamente impossível. Bem, talvez a velha Marcelina queira o menino, D. Gabriela não pode querer. É com aquela barriga, Zépequeno parece um Judas...

4

Na descida do morro, os homens desaparecendo com a locomotiva que Zépequeno concebeu.

Eneida enxuga os olhos vermelhos na manga do vestido, mas não esquece de piscar o olho para um cabo do 23 BC.

E os homens cabisbaixos, conformados, desaparecem, desaparecem...

Uma chuva serena, friinha, principia a cair.

5

Mãos bondosas fizeram uma roupinha preta para Zépequeno.

Bocas falaram em interná-lo num orfanato e tudo ficou em nada.

Zépequeno andou de casa em casa, esteve algumas semanas com D. Chaguinha e finalmente foi viver com a velha Marcelina, bem pertinho do trilho de ferro.

Ainda nos primeiros dias, D. Chaguinha aparecia e não se esquecia de trazer umas calcinhas novas, um par de tamancos e outras novidades. E, até uma bola de borracha, deste tamanho, trouxe um dia, enrolada num papel verde, dizendo, entre outras cousas, que era aniversário do menino.

A velha não apreciava o curumim barrigudo, mas também não se importava com a vida dele. E dizia, com certa entonação na voz:

- Quem pariu Mateus que balance...

E ainda.

- Botou o menino no mundo que cuide dele. Se não tem mãe, o governo que dê jeito....

Porque não dizer que Zépequeno estranhou a convivência da velhota, ouvindo nomes feios, sentindo o fortum da cachaça misturado com mijo de velha?

A toda hora, a todo instante, se lembrava das histórias de Pedro Malazarte.

Se ele fosse mesmo o Pedro Malazarte, pinicava o urubu e dava um jeito naquela vida. Havia de aparecer alguma coisa dentro do armário de caixão de querosene, ou, até, quem sabe? debaixo do fogão, no saco de algodãozinho, bojudado, quase estourando.

Mas não havia urubu nem Maria do Carmo, e tudo piorou quando d. Chaguinha ganhou dele no tamanho da barriga e foi tirar aquilo na Santa Casa.

D. Chaguinha também foi embora como Maria do Carmo...

Por que D. Chaguinha morreu? por que o menino dela tinha morrido também? Por que ela não se lembrou dele? no pedido que lhe fizera na última vez que se viram? Isso não era coisa que se fizesse!

Queria um urubu, um urubu como o de Pedro Malazarte...

6

Logo cedo, Zépequeno reconheceu a inutilidade de seus pensamentos. Não adiantava pensar que sua vida ia melhorar. Quem nasceu torto até a cinza é torta, não é? Não era assim que “seu” Janoca dizia?

Quando Zépequeno já punha os pés no batente dos dez, Marcelina chamou o pretinho e foi falando uma porção de palavras, cuspindo tudo. Os negócios iam ruins. A sociedade protetora raramente mandava sua esmola. E já era tempo de ele ir procurando um emprego, se encostando em alguma bodega, se mexendo atrás de ganhar qualquer asneira...

Em cima das buchas, Zépequeno foi tratando de descer o morro e procurar um lugar na cidade.

Fortaleza vivia lá embaixo um dia ensolarado...

8

Perdeu um dia inteiro.

Uns diziam que o inverno ainda não era certo. Não adiantava.

Outros, que os negócios eram pequenos, dinheiro também curto.

Se acostou no mercado e comeu a sobra de um moço seboso que achou muita graça da miséria dele...

Desiludido, subiu ao morro com as mãos frias, tossindo que não se agüentava.

Velha Marcelina foi ao seu encontro.

- Então, Zépequeno?

Um tanto desconfiado, contou tudo, tim-tim-por-tim-tim. Até as palavras de um negociante simpático repetiu: "Vá pra casa, menino. Você está doente. Vá se tratar..."

- Que doente que nada, peste! Isso é ruindade... Filho de gato é gatinho! Sua mãe nunca prestou, nem você prestará também. Não come hoje, nem amanhã, nem depois. Comigo é assim. Se quiser comer, faça força. Carregue água, trabalhe como eu, come eu! E vá se deitar antes que o chiqueirador lhe alise as costas. Corno besta!

Se Maria do Carmo estivesse ali, vivinha da silva, olhando aquela porqueira dizer aquilo com ele, ia ter furdunço no morro.

Maria do Carmo pra defender o filho não respeitava nem a mãe do bispo! Arregaçava a manga do vestido ainda ensopado d'água e baixava a chibatada em cima de Marcelina!

Zépequeno tem a impressão que Maria do Carmo está olhando pra ele, perguntando como foi mesmo que a feitiçeira rabugenta disse.

E já vai arrumar o vestido, fungando o vento, arfando os seios gordos e marchando pra cima dela. Acaba com a velha. Basta um bufete nos dentes podres. Pá!

Marcelina aparece na porta da barraca.

– Deixa de zoada, seu filho de uma porca!

Zépequeno fica bem quietinho na rede.

Maria do Carmo desapareceu.

9

Depois que o chefe de polícia atendeu ao apelo que lhe faziam as pessoas da Rua das Flores, o morro se encheu de caras vermelhas, escarlates, desconhecidas. Até a Rua da Tijubana, rua silenciosa que era um exemplo, tornou-se uma verdadeira esculhambação, no dizer do vendeiro que, logo na primeira arrancada, foi enganado em duzentos e bote força...

As senhoras de caridade que vinham socorrer os pobres, paravam do outro lado do muro branco da Vila Formosa. “Como é que podiam fazer caridade com aquelas nojentas no meio da rua se agarrando com os pescadores?” Não podia ser, não podia... Que mundo louco, indedente...

Foi por isso que Marcelina sentiu a fome de lhe apertando o bucho e o corpo diminuindo dentro da saia preta.

Eneida bolou-bolou e o cabo do 23, que já é sargento, se mudou para o Pirambu. “Não, não posso continuar no meio desse povo...”

Zépequeno cresceu mais um pouco.

Sempre magro, buchudo, tossindo...

O visitador da Saúde Pública já disse que ele ia seguir os passos de Maria do Carmo, tossindo, escarrando sangue, com a boca babenta.

– Tuberculoso, tuberculoso...

1 0

- Vai roubar lenha dos cargueiros, peste ruim!

O menino olha Marcelina com os olhos remelentos que suplicam compaixão.

- Tenha pena de mim, Marcelina... A senhora não vê que eu estou sentindo uma dor danada aqui dentro do peito, do lado do coração? Por Deus, Marcelina, tenha pena...

- Vai roubar lenha, peste!

Zépequeno tosse cavernosamente, zoadento como taboca rachada, e sai de perto da velha, caminhando na areia fofa do morro, molhadinha em cima pela neblina que caiu de madrugada. E vai pensando...

“Os filhos de D. Chaguinha perderam a mãe, não perderam? Pois é... nem parece! Cada meninão nutrido, gordo, tão diferente dele que tem uma cousa apertando a garganta com um gosto terrível de ferida purulenta, repelente, viscosa, desgraçada... Danada pra feder. Os meninos de D. Chaguinha não passam fome, não roubam lenha dos trens da RVC, nada disso, nada disso... Todos os dias comem feijão, arroz, macarrão e ainda têm dinheiro para tirar sorte nas quermesses do Arraial Moura Brasil, comprando busca-pés pra soltarem embaixo das saias das mulheres... E ainda um tal de papai Noel que é mesmo que o urubu de Pedro Malazarte. É tiro e queda. A questão é pedir.

1 1

Desceu o morro. Esbarrou no muro branco que circunda a RVC.

De quando em quando, passa uma composição veloz puxada pela 401... 111... 202...

Já conhece as máquinas só pelo apito, ora estrangulado, ora suave, tristonho ou feliz. O maquinista da 310 não gosta dele. Mas o que tem isso? Quem nasceu para pagar os pecados dos outros, é assim mesmo. Nunca se apruma!

Se o maquinista parasse o cargueiro e dissesse assim, com delicadeza, com o jeitão que o vendeiro tem quando fala com os meninos de D. Chaguinha, “que pode tirar lenha à vontade, você é quem manda, isto é nosso...”, o negócio seria outro. Mas dizer que ele é feio, assim ou assado, não era novidade.

E Zépequeno, indiferente a tudo, assalta os trens, galga os carros de transporte que vêm trazendo lenha para a Usina e derruba as achas, dez, vinte, trinta, para Marcelina ajuntá-las e vendê-las depois ao vendeiro, a duas por um tostão.

Sua profissão é esta. Ser bandido, ladrão, roubar.

Se Maria do Carmo estivesse viva, ele não estaria fazendo aquela sujeira, nem sentindo o gosto de sangue nos lábios descorados...

1 2

O C2 apontou lá no meio do tempo como um ponto cinzento, crescendo rapidamente.

Zépequeno passou a perna por cima do muro e ficou esperando que a 101 avançasse em sua carreira louca, nervosa, chocalhante, com peças desajustadas pelo trajão de Crato a Fortaleza.

– Num pega o trem, menino!

Zépequeno fez um riso desbotado para o foguista.

Se pudesse falar com ele, explicaria tudo, tudinho como se passava.

E apanhou o trem em sua carreira desenfreada, tinnindo, balanceando em cima dos trilhos molhados por uma chuvinha que castigava o morro.

- Tu morre peste!

Em dois tempos, se achava escanchado sobre as pilhas de lenha, gozando um vento diferente que soprava com doçura seu rosto magro, sua barriga crescida, fazendo-o feliz por instantes, fazendo-o transformar à margem da estrada de ferro... Mas lembrou-se que estava em cima do carro para roubar lenha e não tinha tempo para ser feliz. Com as mãos descarnadas foi empurrando as achas mas pesadas para baixo, enquanto Marcelina as ajuntava com precipitação.

Ao jogar a última, Zépequeno sentiu aquilo lhe subindo para a garganta, um suor frio lavando seu corpo. Naturalmente foi o esforço que despendera. Principiou a tremer, os joelhos se dobraram e aquilo que lhe parecia saltar pelos olhos, saiu por entre os dentes quebrados, aos borbotões, com um vago cheiro de cousa podre. De relance viu surgir bem pertinho de Marcelina o vulto ágil de Maria do Carmo, de punhos cerrados, batendo no rosto da velha.

Precipitou-se entre um carro e outro.

1 3

No meio dos trilhos, ficou um amontoado de carne ensangüentada, de ossos brancos, dentes soltos, espalhados.

1 4

E um urubu, não o urubu de Pedro Malazarte, passou voando bem baixinho, num vôo agoniado...

A LENDA DE ALMOFALA

1

Dali virá a morte!

E os homens queimados pelo sol abrasador, de olheiras fundas, de olhos grossos, alguns sentados simplesmente no barro socado, outros acorados num canto da puxada de palha que avança da bodega, ficaram rindo, redobrando gargalhadas, enquanto o dedo sujo, a unha do dedo sujo de Maria Feiticeira apontava, vagamente, um ponto qualquer lá dos lados da praia, olhando serenamente.

- Vai tomar banho, cutruvia!

- Feiticeira de portão de cemitério!

Impassível, cabelos desgrenhados, escorrendo em fios sobre o vestido roto, esfrangalhado, sustinha o braço apontando, apontando.

- Dali...

Depois, soltou uma risadinha estridente, bamba, e foi saindo xingando os praiheiros, chamando fio dessa, fio daquela, pestes!

Um menino veio correndo, passou entre os homens que gargalhavam e perguntou a “seu” Viana se o querosene era bom, se fosse, queria meia garrafa. Mas, “seu” Viana não deu ouvidos ao menino. Estava falando para Zédomingos “que só pau na Maria Feiticeira, pra não andar contando histórias, nem assombrando a gente...”

- Pois num é, essa mulher vai ser a desgraça do lugar. E note bem, isso num caminha, num caminha pra frente por causa dela...

- Tenho cá os meus receios. Você não vê como ela fala? diz que a morte vem dali, dali donde, eim?

- Querosene, "seu" Viana"

- E você não imagina. Outro dia, quem me contou foi D. Carminda, a muié do Aniceto, a velha, esta velha rabugenta, jogou um sapo de boca costurada e um embrulho com areia de cemitério dentro da casa dela. Daí a criatura que tava grávida, quase que num bota o menino pra fora...

- Bote meu querosene, "seu" Viana"

- Menino é como cachorro, Pedro. Tem tempo.

E se virando para a mulher que bem entrando:

- Miquelina, despacha este curumim!

Possidônio abriu os braços num bocejo prolongado.

- Estou com o Zédomingos.

Ninguém falou mais no assunto.

O povo ali vivia assim, brincando, adivinhando, contando histórias. Que é que tinham com Maria Feiticeira, uma velha desmiolada, fazedora de anjo, macumbeira? Se falava em morte? Qual morte, qual nada! A gente só morre quando é chagada a hora.

E a noite embolada de fuligem principiou a descer sobre as casinhas de taipa, se deitando na areia das ruas, com um vento molhado, irrequieto, perseguindo um vento fêmea entre as palhas dos coqueiros que se agitam numa dança misteriosa.

Almofala se espreguiçou para o sono.

Lá no cemitério rolavam as palavras de Maria Feiticeira.

- Dali... a morte vem dali...



2

Todas as noites de Almofala são iguais.
Tirante as noites de lua, claras, diferentes, com o canto do Torem...

3

- Avisa o Zédomingos pra fechar a meleca dele hoje.
Vai ter Torem.

- Inhõ sim.

- "Seu" Viana fecha também.

Pedroca correu, afundando os pés bichentos na areia fria.

Na beira da praia já havia um ajuntamento de homens e mulheres e alguns meninos de peito chorando com medo da fogueira que ardia barulhenta. As cunhãs atiçavam o fogo, enquanto os curumins mais espertos buscavam pedras para fazer a trempe.

Um pote grande, de boca larga, está fincado na areia, até o meio, de suco de caju fermentado ao sol durante seis dias. Agora é esperar a chegada dos índios, a ordem do chefe para iniciar a cerimônia.

- É bom fazer a roda. Já tão chega num chega.

E um vento forte se despenca do céu...

4

- Vai ao Torem, comadre Ceição?

- Num perco, minha fia...

- Dizem que o mocororó tá bom como diabo forte que só ele mesmo.

- Unnhh...
- E alguém.
- Pega qualquer freguês. Mela logo.

5

Os índios já chegaram, enfeitados de penas vermelhas e fizeram um círculo, cantando, dançando. E do tambor saía batida surda que se transforma num som dolorido até se perder no mistério da noite.

De início, as mulheres ficam olhando de longe com certo temor. Depois, se aproximam, agoniadas, vagamente iluminadas pelas chamas da fogueira, que atingiu o auge em sua combustão. E o Torem se levanta da terra num ritmo escuro, sem pressa, e se espreguiça nos braços dos homens que se enroscam como serpentes.

*Senhor rei mandou etiguerê
Eguirapurapuram
Ê ver manguê. Ê tate pirame
Ê tate pirame.*

De dois em dois, se aproximam da jarra e vão tirando o líquido numa quenga de coco e sorvendo-o com sofreguidão. As mulheres apressam a voz, a voz desperta não é mais triste nem sonolenta, nem aflita. O tambor tema batida alvoroçada que fere os ouvidos e se ergue num desafio desordenado.

A fogueira se transformou num braseiro enorme.

E os homens se ajoelharam em sua volta, passando a carne de porco em cima das brasas, tornando-a rubra, espetada na vara de marmeleiro, com a salmoura escorrendo, chiando, chiando. As mulheres bebendo também.

Os índios se tremem em convulsões. O tambor é rouco. O ganzás chocalham nervosamente. Maria Feiticeira tem o dedo sujo apontando, vagamente.

Dentro da noite, a morte vem avançando, cautelosamente...

7

Um dia, Maria Feiticeira veio correndo das bandas da praia com os cabelos soltos, feições de louca, gritando possessa.

– A morte, a morte!

E caiu fulminada por um colapso, com o dedo sujo apontando, e os olhos vítreos, aterrorizados.

“Seu” Viana não pode negar. Sentiu de falta, um friozinho lhe descendo pela espinha. “Então, que história era essa? Tem areia no negócio, tem areia... Isso vai acabar com o tempo se fechando...”

Mas, cuidou do enterro. Reuniu os homens, falou em uma “última caridade que iam fazer”, discutiram umas cousas, e Maria Feiticeira foi dentro da rede, que por sua vez, ia enfiada na estaca de sabiá, se balançando, se balançando.

Zédomingos arranjou uma cruz. D. Ceição trouxe umas flores amarelas, e alguém perguntou porque as flores de defunto não eram pretas...

E os urubus vieram num dia qualquer e desenterraram o cadáver.

Desta vez não foi o dedo carnudo que ficou apontando, mas um osso branco, roído, esticado...

8

Há noites em que os cães mastigam os ossos de Maria Feiticeira, no oitão da casa.

9

Almofala está longe de outro Torem. Só quando houver lua cheia, subindo por detrás dos coqueiros de “seu” Viana. Então, os índios dançarão novamente e haverá mocororó fermentado para todo mundo beber.

Da bodega de Zédomingos, se avista a igreja patriarcal, construída pelos portugueses, com pesadas arcadas e as casinhas de Honorato, Balduíno, Vermelhão, “seu” Franco, fazendo volta.

Os homens já se esqueceram de Maria Feiticeira, do dedo sujo dela também. Estão, agora, comentando a forma do vento feroz, desalmado, que traz areia, muita areia, para as ruas de Almofala, onde os meninos se divertem brincando de esconde-esconde.

- Você viu, Possidônio? só sendo castigo de Deus!

- É verdade, camarada Zédomingos. Do jeito que a coisa vai marchando nós acaba entupido de areia...

E, depois, mais otimista:

- Besteira, isso é mesmo da viração. O vento muda o rumo daqui pra menhã...

Zédomingos não quer se fiar nas palavras do amigo. A verdade é essa. Nunca mais chegou notícia de Acaraú, nem tampouco “seu” vigário veio dizer missa, e a areia é só crescendo, crescendo, se botando pra cima.

- Parece que a finada Maria Feiticeira tinha razão. A morte vem dali!

- Besteira, Miquelina...

10

Certa noite...

O vento entrava e saía pela porta da bodega sem ligar o rosto aflito de Miquelina. Ela, coitada, não sabia

explicar o que acontecera com o marido. O infeliz amanhecera dizendo umas palavras incompreensíveis, com o corpo todo arroxeadado, se tremendo, amolecido que só boi que come tingui, e foi se danando depois, falando nomes feios que faziam tremer a terra. Aí chegou Possidônio, Balduíno também chegou, acalmaram o homem, não chora D. Miquelina, não é nada, o homem está com o espírito da Maria Feiticeira, se aclame, não se vexa, vamos fazer uma beberagem...

Depois, apareceu o curandeiro com uma meizinha.

“Seu” Viana bebeu meia garrafa do remédio, mas tudo em vão.

Cada vez mais agoniado, querendo bater na cara dos presentes, se esperneando, cuspidando o povo, excomungado mesmo.

A bodega não abriu mais as duas portas. Mas, o vento ficou entrando e saindo, deixando areia, muita areia, perto da cama de varas onde estava “seu” Viana.

1 1

Na horinha da elevação, quando o sino ia bater, o padre de mãos erguidas com a hóstia consagrada, “seu” Viana entrou de porta a dentro, furioso, com uma lambedeira na mão, alcançou o altar e mergulhou a lâmina nas costas do Pe. Pedro do Bom Jesus.

E o sacerdote tombou, mudo, sem um gemido...

A partícula branca se embebeu de sangue.

1 2

Daí para cá, o diabo se soltou em Almofala.

“Seu” Viana foi esfaqueado no patamar da igreja.

Miquelina desapareceu com dois filhos pequenos, se lamentando, em procura de Acaraú.

- A morte já vem chegando... já vem chegando...

Se Maria Feiticeira estivesse viva, completaria, serenamente:

- Dali, dali...

1 3

- Me acudam! me acudam! socorro!

Que aconteceu? que está acontecendo lá fora das casas?

A voz da feiticeira está voando no espaço, mas não é a voz da feiticeira Maria, é um demônio gigante, um ser misterioso, que açoita com força o telhado das casas, arrebatava árvores e faz cair uma chuva pesada de areia, chuva não, torrente, inundação!

E as ruas vão se enchendo de mulheres e meninos, homens nervosos, gritos lancinantes, fugindo, agoniados, tresloucados, derrubados pela garra do monstro que é uma espécie de barra de ferro, enquanto um vulto enorme se agiganta nas trevas e vem se movendo com o vento assustadoramente, demolindo tudo que encontra, avançando em direção da igreja, abalando os gritos errantes, medrosos...

- Fugir!

Em desabalada, como num estouro de boiada, a manada humana dispara pelo areal, gritando alvoraçada.

E a duna movediça, monstruosa, soterra silenciosamente o lugarejo de Almofala.

Maria Feiticeira parece gargalhar dentro da noite.

1 4

Ainda hoje, sobre as dunas há uma cruz. É da igreja de Almofala. E os passantes murmuram esta lenda...

ÚLTIMO FILHO DE UM ANJO

1

Albino perdeu-se dentro da vida. E perder-se dentro da vida, é caminhar a esmo, nas sombras que surgem, se embaralham, se transformaram mas ficam sombras, eternamente sombras.

Pendeu a cabeça sobre o ombro.

Avistou-se com ele ainda moço, de barba raspada, extrato, bigodinho bem feito a traço de lápis preto, passando com as filhas de “seu” Noquinha, meninas “um peixão”, que era de encher a boca d’água.

E foi sentindo que os dias amarelecidos, desbotados, vinham se renovando, surgindo, aparecendo um a um, voltando todo o passado que ele viveu dançando com as cunhãs cheirosas que só pé de jasmim.

Cerrou os olhos.

E se precipitou para trás.

2

Não, não era possível que “seu” Noquinha deixasse o Albino, um sujeito perdido, endiabrado, maldoso, entrar na casa dele, depois do que acontecera. Mas enfim, a vergonha não estava no mundo para qualquer pessoa. Pe. Tertuliano já dizia...

Mas foi possível. “Seu” Noquinha temia o peso do braço musculoso, carnudo, do rapaz.

“Eu hoje danço naquela joça, custe o que custar!”

Dito e feito. Palavras proferidas e Albino metido numa H. J., todo não-me-toques, caminhando para o terreiro tinindo de cunhatãs e curumins.

– Como é, seus cousas, eu danço ou não danço?

Um vozerio aceso se alastrou pelo interior da casa. As mulheres começaram a se valer de S. Antônio. “Seu” Noquinha apareceu com ares de senhorio abusado, mas, quando se deparou com Albino de mão nos quartos, olhando-o friamente, baixou a crista.

Esqueceu até que Albino tinha feito o serviço com a sua filha mais nova, e tinha deixado a menina na mão.

– Entra, Albino, a casa é nossa... Não precisa emboança por tão pouco...

– Pois é, comigo é assim... Escreveu não leu, o pau comeu!

E Albino entrou.

O povo que fazia sereno, fez roda, comentando a falta de vergonha do dono da casa.

– Virge Maria, que bicho frouxo!

– Se fosse comigo não acontecia isso.

– Tá besta! buliu com fia minha, casou! Se num caso, caso o danado na ponta da minha faca.

E os meninos passam correndo atrás das varetas dos foguetes de duas bombas comprados em especial para alegrar a festança, forró de estrondo em homenagem à promoção do filho de “seu” Noquinha para sargento dos “mata-cachorros”.

Alguém querendo puxar briga, formar o grude, dizendo palavreado de ponta de rua. É um pau-dágua do diabo que tem a mania de enfrentar a polícia da cidade.

As mulheres nervosas têm vontade de ir embora. Mas Zé-dos-Santos apareceu à porta, sacou da pistola e intimou.

- Oia, porqueira ruim, quero respeito na casa do home.
Isso aqui num é terreiro de zinha, não!

Albino já se sentou com os tocadores.

Lá pra cozinha, "seu" Noquinha acalma o "meu filho sargento", que quer tomar satisfações com Albino.

- Deixa, pai, deixa que eu ensine esse fio de vaca...

3

Por volta das duas da madrugada, o candeeiro da sala tem a luz trêmula e mortiça. Noquinha fala que não tem mais querosene. Um camarada meteu-se a besta e levou uma ripada no meio do chifre que foi uma esculhambação. Tirante isso, tudo vai em paz...

4

- Que cana boa, Zé-dos-Santos... É bem de Redenção.

Albino corre os dedos nas cordas do violão, que geme uma modinha suave, tão saudosa que há velhas pela sala pensando "naquele tempo".

- Toque outra, "seu" Albino, é a Rosinha que tá pedindo.

Albino sente uma lâmina de aço cortando seu coração, reduzindo-o a postas ensangüentadas.

- Não pode ser... Não pode ser...

Então, depois do acontecido, Rosinha ainda tinha coragem de espiar pra ele? Não podia ser...

Estirou os olhos procurando a moça. E deitou a vista no corpo de Rosinha que também estava com dois olhos de mapirunga procurando os dele. E que olhos, que frutos, se ele pudesse ia na onda do olhar, no cheiro da fruta, hoje, e toda a vida. E por não podia? Eim?

Diabo, isto é da vida. O povo é que aumenta as histórias. Em verdade, se não fora a presunção do irmão da moça dizendo que “iam ver como o malandro casava com a menina”, por gosto ou contra a vontade (já dizia “seu” Noquinha), nada disso tinha acontecido. Mas é o diabo que atenta a gente... Num instante em toda biboca já se sabia que ele, Albino, tinha feito o serviço com a filha do “seu” Noquinha e o irmão dela, um sargento valentão, promovido há poucos dias, ia tomar satisfações ou até mesmo remetê-lo preso para Fortaleza.

Então, entestou. Disse que não casava e não casou. Isto há 15 dias, apenas...

Rosinha continua olhando o rapaz.

E Albino atende ao pedido tão atencioso com as mãos nas cordas do violão mais afamado da redondeza e o coração se tremendo nas notas que pulam dentro de um chorinho que é todo uma devoção de amor.

No meio da sala, Rosinha é um anjo peitudo que Deus mandou.

Albino tem a impressão que acaba entrando no céu. E ela sorri um capucho de algodão, bem branquinho, bem alvinho.

5

O cachorro espreguiçou-se e latiu.

Albino ajeitou-se sobre as pernas bambas e coçou a cabeça, abriu os olhos como que despertando de um sonho vivido no inferno ou num lugar de demônios...

Depois, espiou a rede imóvel no interior da tapera. Parada como os castigos de Deus. Adormecida como as ilusões das criaturas que sonham com uma terra que não seja esta ponta de terra comburida pelo sol.

Rosinha está dentro da rede. E dentro de Rosinha, um rebento crescendo sem querer sair.

“Por que o menino não vem? Por quê?”

Cuspiu longe, um cuspo amarelo, sarnento. O cachimbo fumaçando perto.

De dentro do mato agonizante, chia o peito velho da terra, cansado, estropiado. U’a mão invisível derrama uma lata de piche de céu em fora.

Trevas no ar. Trevas em seu coração. Trevas no estômago do “Rompe-tudo”.

6

Quando se aproximou o dia do casamento, Albino sentiu uma vontade imensa de desistir outra vez. Não era só porque o sargento “mata-cachorro” andasse se vangloriando não, nem porque o povo dizia que ele sujava a água do pote para depois beber. Nada disso. Tudo se resumia em curtas palavras. Medo de casar. Tinha um receio horrível de não sabe respostas as perguntas de “seu” vigário.

E o Pe. Tertuliano que era malvado como todo... Gostava de maltratar os matutos encompridando o ato, dizendo umas histórias do Pe. Verdeixa.

Tio Reinaldo foi quem andou dando conselhos. “Tolice, menino, é melhor você casar. Está no seu direito. Aproveite a vida que é melhor”.

Ajuntava:

– Quem pensa não se casa...

Preparou-se da cabeça aos pés.

A fatiota encomendou em Fortaleza, fazenda de primeira qualidade, dez mil réis o metro... Um gringo de cabelos cor-de-fogo, falando aperreado, vendeu-lhe “Madeira do Oriente”. Só o lenço encarnado absorveu a metade do perfume.

Rosinha, por sua vez, parecia com o anjo grande da Igreja. Tudo lhe assentava bem. E o vestido de organdi, meu Deus, que vestido lindo! deu uma graça bem quente no corpo do anjo, mostrando uns quartos mais saídos, um colo triangular, escuro.

- Tão bonitinha...

- E o noivo não queria casar com ela...

7

O casamento partiu da casa do pai da noiva.

De braço dado com Rosinha ia o padrinho, coronel Antero, todo ancho, teso que só uma estátua. O povaréu formava a retaguarda, comentando o vestido curto de D. Maria, a saia de D. Rita aparecendo.

O sogro e o genro falavam umas conversas mesmo de casamento.

- Não se incomode, Albino... Você terá o meu apoio para qualquer negócio. Uma mercearia, por exemplo, lá no mercado, dá pra se fazer a vida...

- Topo, "seu" Noquinha, topo.

E outras vezes:

- Espia o noivo tão lambido...

- Casamento!

Albino por duas vezes escorregou na pedra do calçamento. Alguém ao seu lado falou em marinheiro de primeira viagem. Pensou. "Se eu pudesse dava umas tapas na cara deste patife!"

Entraram na igreja. Braços dados. Agarradinhos. Coronel Antero ficou para trás.

Zoadinha. Cochicho. E o sorriso de Pe. Tertuliano esperando os três.

Albino. Rosinha. E os... 10 mil réis...

8

- Tenho fome, Albino! tenho fome...

A voz está sumindo como a chama do candeeiro da festa. Daquela festa...

Albino abre os olhos. "Que festa? eim? que festa?" Não enxerga a cara risonha do Pe. Tertuliano nem o rosto liso do coronel Antero.

- Tenho fome...

Quando se casou não pensou que a seca fosse mesmo um transtorno.

Só notou muita luz no céu, muita cerveja, cachaça e pé-de-moleque, Só.

Coça o queixo magro e pontudo. Barba de dois meses por fazer. Sente que suas veias não têm mais aquele ardor do Albino de vinte anos, do Albino ruim dos bofes que açoi-tava todo mundo.

Lembrou-se de Deus. Por que Deus não furava as nuvens que passam no firmamento, afugentadas pelo vento miserável, ceifador de vidas?

Lá dentro está a mulher grávida dizendo que tem fome, fome.

"Rompe-tudo" late. Espreguiça-se. Depois geme. O gemido é a mesma súplica. "Como é, companheiro, eu vou morrer assim, sem ter nem o que comer? Fomos sempre tão amigos? tão amgos, não fomos? No mato, eu pegava o punaré pelo pescoço, assuava o tamanduá para você matar, lhe mostrava o perigo enrolado no tronco das árvores, não era? Pague os meus serviços, homem miserável... Miserável não é o vento, é você, que me deve, deve, e não me paga!"

- Que posso fazer? que posso?

Tem uma mulher, dois filhos e um curumim na barriga do anjo esperando pra sair.

- Que fazer? Eim?

Uma voz misteriosa:
- Sei lá, quem sabe é Deus!
Levanta-se cambaleando. Avança para o mato moribundo.

9

As árvores despidas, tuberculosas, definham tristemente.

Na estrada empoeirada, nenhuma rês vagando. Ali, mais além, num riso convulso, de suprema dor, algumas caveiras silenciosas. Nos galhos que se quebram, na areia fina que o vento miserável carrega para não sei onde, nos cadáveres em putrefação anda uma voz enlutada, mexendo tragédias.

Os urubus estão se banquetecendo.

Albino olha os corpos de alcatrão e tem uma vaga noção de vida.

“Se ao menos pudesse matar um urubu...!”

Afastou a hipótese. Não tem arma... Não tem arma? e a faca? o quicezinho? Aperta o cabo da faca com força. “Rompe-tudo” late, gane, se estremece, se estira na terra.

“Rompe-tudo” morreu porque não pode romper a seca e dominar a fome...

- Fome!

Um tremor súbito acode seu corpo. O estômago vazio se contrai. Os braços se movem num movimento desordenado, louco. Ri. Aumenta o riso. Riem seus olhos fundos, sinistros, seu corpo de trapo, sua alma de sacrificado. Gargalha. Os ossos chocalham como reses perdidas dentro da caatinga. Uma chama crepita dentro de seu corpo.

E na fúria que dele se apodera, vai andando, rompendo o mato seco, dilacerando o corpo, pondo ossos à mostra, entre o rufar das asas negras de uma vintena de urubus que o perseguem com a vista.

Um olho ensangüentado ficou preso num galho de espinhos.

1 0

A porta se abriu com estrondo.

- Tenho fome, tenho fome, Albino.

Segurou o quicé com firmeza. Na rede, Rosinha espera a vinda do menino. Mas não sente que o menino vai vingar.

Na escuridão, ela divisa u'a mão ossuda, vermelha, branca, empunhando uma cousa fina, fria que rasga suas carnes, arrebenta-lhe o bucho, tritura, machuca, despedaça o rebento de todo um grande amor.

- Papá...

Grunidos. Riso convulso. Rosinha com o feto se mexendo, rubro, os olhos embriagados se esvaindo em sangue.

Albino perdeu a noção das horas, dos homens, da vida... Não sabe o que fez. E vai se acalmando pouco a pouco. De súbito, agarra o violão e toca, toca, toca o chorinho que Rosinha pediu pra ele tocar.

E a música envolve em sons harmoniosos, numa mortalha de sonho, o último filho de um anjo...

1 1

Albino perdeu-se dentro da vida!